



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação Física
Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física

SIGNIFICADOS DA PRÁTICA DO RUGBY PARA AS PRATICANTES
INICIANTES

KARINE PIRES CASTRO

BRASÍLIA
2016

KARINE PIRES CASTRO

SIGNIFICADOS DA PRÁTICA DO RUGBY PARA AS PRATICANTES
INICIANTES

Monografia apresentada para
obtenção do título de Graduação em
Educação Física – Licenciatura da
Faculdade de Educação Física da
Universidade de Brasília, sob a
orientação do Professor Dr. Alexandre
Jackson Chan Vianna

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Jackson Chan Vianna (Orientador)
Faculdade de Educação Física - Universidade de Brasília

Prof. Dr. Felipe Rodrigues da Costa (Membro)
Faculdade de Educação Física - Universidade de Brasília

Prof. Dr. Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende (Membro suplente)
Faculdade de Educação Física - Universidade de Brasília

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a compreender os significados apresentados pelas jogadoras iniciantes de um time universitário de Rugby feminino para tentar e permanecer jogando. Foi realizada uma pesquisa de campo, de orientação participante. Como instrumentos para a coleta dos dados foram utilizados o diário de campo, ficha de frequência para controle da presença das praticantes e o Grupo Focal para análise das interpretações das praticantes sobre seus interesses com o Rugby. A Análise e interpretação dos dados foram feitas a partir da Teoria Fundamentada (CHARMAZ, 2006). As categorias geradas se aproximaram das fases de permanência das jogadoras de futebol apontadas no estudo de Chan-Vianna (2010). Concluiu-se que as experiências de vida e a amizade foram os fatores mais importantes para a permanência das praticantes estudadas.

Palavras-chave: Rugby. Mulheres. Esporte Universitário. Observação Participante.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.1	Objetivos da pesquisa	6
1.1.1	Objetivo Geral.....	6
1.1.2	Objetivos Específicos	6
2	METODOLOGIA	6
2.1	Tipo de pesquisa	6
2.2	Descrição do local	7
2.3	Instrumentos.....	7
2.4	Análise dos dados	8
2.5	Delimitação do estudo	9
3	RESULTADOS E ANÁLISE	9
3.1	Análise do campo	9
3.2	Análise da frequência	21
3.3	Trajetórias Individuais.....	31
3.4	Análise do Grupo Focal	40
3.4.1	A tentação.....	41
3.4.2	Perseverança.....	43
3.4.3	Permanência	46
3.4.3	Dispersão	50
4	DISCUSSÃO	52
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

1 INTRODUÇÃO

O Rugby é um esporte coletivo secular praticado em campo de grama, no qual dois times, através do contato físico, disputam a posse de uma bola oval para poder obter a maior pontuação possível e vencer a partida. Esse esporte é considerado um esporte coletivo de confronto segundo a definição de Dunning (1992), por conter uma forma “ritualizada e mais ou menos controlada de violência física”. É um esporte nascido na Inglaterra do século XIX, cujas regras passaram por uma série de mudanças até tomar o formato que possuem hoje. É praticado mundialmente por homens e mulheres de todas as idades. Chegou ao Brasil na metade do século XIX, mas muito recentemente entra na cultura brasileira de forma expressiva.

A história do Rugby no DF não possui registros oficiais. As informações foram coletadas de sites dos clubes e times, de seus fundadores, de jogadores pioneiros e de pessoas envolvidas com o Rugby do DF, de maneira geral. A história mais repetida nessas fontes é que o primeiro clube de Rugby masculino no DF surgiu em 2001 e só em 2005 surgiu o primeiro time feminino. Durante esses anos foram criados 6 times masculinos e 4 femininos. Os times formados tentavam permanecer firmes, mas grande parte deles não resistia por mais de um ano e se dissolvia.

Dessa forma de 2001 a 2014 o Rugby surgiu como uma modalidade nova no contexto do DF. Foi uma trajetória de crescimento pela quantidade de times formados, entretanto não houve continuidade nesses times o que fez com que ainda não encontrasse um estado pleno de realização a ponto de considerarmos como estabelecida na cultura esportiva da cidade.

Em especial, o Rugby feminino em junho de 2016 contava apenas com o time da UnB, pois assim como no masculino, os outros times se dissolveram ao decorrer do tempo. As praticantes do Rugby que eram de outros times que ainda queriam jogar Rugby foram para o time da UnB e começaram a surgir novas pretendentes. Assim, o trabalho busca entender o que motiva as jogadoras do time feminino da UnB iniciar e permanecer jogando. Com isso espera-se compreender alguns elementos importantes para o surgimento e manutenção de um espaço novo de prática esportiva na cidade.

1.1 Objetivos da pesquisa

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender os fatores que mobilizam as jogadoras iniciantes de Rugby para tentar e permanecer jogando.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Descrever a organização do time feminino UnB Rugby, para compreender como se deu a sua organização.
- Identificar a frequência das praticantes para analisar a relação entre quantidade de treinos e permanência na prática.
- Analisar as trajetórias de vida e narrativas das praticantes do time para tentar e permanecer jogando
- Refletir sobre as interações sociais que influenciaram que algumas praticantes que tentaram permaneceram jogando enquanto outras desistiram.

2 METODOLOGIA

Em abril de 2015 começaram as observações do time feminino de Rugby da UnB e as observações foram feitas até junho de 2016. Através das observações de campo obtive percepções em diversos aspectos que estão relacionados ao time feminino de Rugby e os treinos. Desse modo, a análise dos dados pôde ser mais completa.

A escolha do tema estudado partiu de um projeto de pesquisa feito anteriormente onde foi estudado o Rugby no DF como um todo. Contudo, nesse trabalho estudei de maneira aprofundada o time feminino da UnB.

2.1 Tipo de pesquisa

Foi realizada uma pesquisa de campo com investigação empírica e de orientação participante e indutiva. Procurou-se compreender o

comportamento dos indivíduos em seus diferentes aspectos. Os métodos de orientação indutiva reforçam o contato do pesquisador com o objeto de pesquisa e sua imersão em seu mundo físico e social (VOTRE et al.,1993).

2.2 Descrição do local

A prática era realizada no campo do Centro Olímpico da universidade. Os treinos aconteciam as segundas, quartas e sextas das 12h15 às 13h50. Logo após a sua fundação os treinos eram mistos, mas ao decorrer do tempo foram contratados treinadores para que os times masculino e feminino treinassem separados. O time tinha caráter universitário, porém aberto para a comunidade. Alguns praticantes que eram estudantes matriculados da universidade recebiam bolsa atleta para treinar, o primeiro processo seletivo para esses bolsistas não tiveram tantas exigências, pois o time tinha acabado de se formar e haviam poucos praticantes.

O time feminino de Rugby da UnB contou durante o período estudado com o total de 53 mulheres, de 19 a 35 anos, que entraram no campo em diferentes momentos. Apesar disso, cada treino tinha em média de 7 a 14 mulheres.

2.3 Instrumentos

Como instrumentos para a coleta dos dados foram utilizados o diário de campo na observação participante, ficha de frequência para controle da presença das praticantes e o Grupo Focal para análise das interpretações das praticantes sobre seus interesses com o Rugby.

A Observação Participante é obtida através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista (CHIZZOTTI, 1995) A observação de campo descreve os componentes do estudo como: o local, o tempo, o comportamento, os envolvidos, as atitudes, entre outros. O observador participante está presente nas situações, acompanhando o cotidiano, circunstâncias das ações e hábitos. Foram realizados resumos descritivos das observações em um diário de campo. Os

dados obtidos no diário de campo ajudaram em um melhor entendimento dos comportamentos e auxiliaram na análise dos dados.

Foram coletados dados da frequência de cada praticante a partir do segundo treino consecutivo e foi realizado o Grupo Focal com o áudio gravado e depois transcrito. Para a participação da entrevista do Grupo Focal, as participantes foram escolhidas a partir do critério de inclusão ter começado a prática até cinco meses após a fundação do time, essas praticantes foram chamadas Pioneiras, onde o estudo deste trabalho tem o seu foco.

2.4 Análise dos dados

A Análise e interpretação dos dados foram feitas a partir da Teoria Fundamentada, que se inicia com o levantamento de categorias dos próprios participantes da pesquisa e finaliza com a redação das nossas análises e a reflexão de todo o processo (CHARMAZ, 2006). A Teoria Fundamentada leva o pesquisador a construir uma teoria através dos dados coletados juntamente só depois com literaturas existentes para explicar e entender ações e fenômenos que o próprio contexto social do estudo apresentou. São acrescentadas, através da Teoria Fundamentada, novas perspectivas ao fenômeno.

Foi realizado o Grupo Focal, gravado e, posteriormente, transcrito. Dentre as etapas da Teoria Fundamentada estão a descrição da ferramenta, a coleta de dados, a codificação e a redação da análise. A codificação em si fragmenta os dados comparando, dividindo, conceitualizando e estabelecendo relações entre os dados. Foram realizadas codificações da transcrição do Grupo Focal na prática da Teoria Fundamentada que classificam os dados de acordo com o que eles indicam resumindo e apresentando cada parte dos dados.

Após transcrito iniciei a primeira codificação linha a linha, etapa que fragmentou os dados em códigos. A Segunda etapa foi a codificação focalizada que fragmentou ainda mais os dados, deixando-os de forma mais direcionada, conceituais e seletivos. A última etapa foi utilizada a codificação

axial que sintetizou, organizou e classificou os dados gerando categorias e sub categorias. É importante ressaltar que a comparação e a análise dos dados são realizadas constantemente e durante todo o processo e etapas da pesquisa.

As categorias geradas a partir da codificação axial da Teoria Fundamentada se aproximaram das fases de permanência das jogadoras de futebol apontadas no estudo de Chan-Vianna (2010) que descreveu o Ritual de Permanência das Novatas. Onde as praticantes passam por quatro etapas para permanecerem ou não na prática.

Por fim, o estudo procurou investigar e analisar os argumentos das praticantes pioneiras para tentar e permanecer jogando.

2.5 Delimitação do estudo

O estudo foi realizado com o time feminino de Rugby da UnB com o foco nas chamadas Pioneiras, apesar do estudo trazer dados do Rugby mundial, Rugby universitário, não foi visto tudo sobre esses aspectos. Assim como os estudos sobre mulheres adultas que jogam Rugby, mulheres e os esportes coletivos de confronto, a relação da faixa etária, entre outros. O estudo tem diversas limitações em com relação a dados externos. Nesse trabalho foram feitas afirmações mais delimitas ao campo de estudo. A pesquisa busca compreender a permanência das Pioneiras.

Os instrumentos utilizados na pesquisa também delimitaram o estudo. As praticantes foram acompanhadas apenas no terreno UnB Rugby, o método escolhido me limitou a não acompanhar suas vidas cotidianas para poder afirmar a importância do Rugby em suas vidas fora dos treinos e campeonatos.

3 RESULTADOS E ANÁLISE

3.1 Análise do campo

O UnB Rugby Clube teve sua fundação em março de 2014. O time é considerado novo em relação aos dois times mais antigos do DF, apesar de

ter o nome “clube” o time não apresenta estrutura de associação esportiva e também não possui espaço físico próprio. A equipe apresentava as categorias masculino e feminino e mantinham foco no *Rugby Sevens*¹. No ano de 2013 o William, estudante de nutrição da UnB que amava o Rugby e jogava no Candangos, time que foi fundado e não se firmou tentou montar um time, pois foi disputado um campeonato universitário de Rugby no Centro Olímpico da UnB e como ele já era do Rugby, gostaria que a Universidade de Brasília jogasse, mas a ideia não foi a frente, por não ter conseguido pessoas suficientes para montar o time. Com isso o William começou a agilizar todos os processos burocráticos necessários, procurou saber como era o processo para o bolsa atleta, como reservava o espaço para treinar, contratação de treinadores e outras ações importantes, o mesmo citou “eu só precisava das pessoas treinando, o resto eu já corri atrás”. No ano seguinte, em março, com a ajuda da Camilla e do Luciano, pessoas que amavam o Rugby e queriam fazer o esporte crescer no DF, fundaram o time. Os treinos eram mistos e ministrados inicialmente pelos fundadores.

O time feminino ainda não havia se formado por falta de jogadoras. No primeiro treino foram alguns amigos do William, além do Luciano e da Camilla. O time feminino começou com a Camilla que ajudou na fundação. A primeira praticante a entrar no time foi a Daniela, convidada pela Camilla em uma conversa na faculdade. Como a maior parte das primeiras praticantes do Rugby eram da educação física, sendo cinco dessas do mesmo semestre, houve uma facilidade para cobrança de uma com a outra para comparecer aos treinos. Ao ser convidada a Daniela não se mostrou muito disposta a ir ao treino pois se julgava velha para começar um esporte ao qual não sabia nada e ainda sofria o medo de se machucar na prática. A Daniela convidou a Maria que no mesmo momento já convidou a Joana. A Camilla sempre insistia com qualquer uma para ir ao treino, ela convidou a Amanda. Eu fui convidada pela Daniela. A Luana de um convite de um amigo, a Nívia de um convite da Camilla, após algum tempo e a Priscila veio através do convite de um antigo namorado. As primeiras praticantes vieram para o time através de

¹ O Rugby se divide nas categorias de Rugby Sevens e XV.

um convite de uma das colegas de curso, exceto duas delas, uma vindo de um convite de um amigo e outra através de um antigo namorado.

Antes de entrarem no Rugby as meninas praticavam outros esportes, como vôlei, handebol, natação e atletismo. Ao ingressarem na Universidade de Brasília pararam com suas práticas por diversos motivos, sendo anunciado por elas como principal a falta de tempo. Mas a UnB possuía times de diversas modalidades, o que atraiu algumas para voltar ao esporte que faziam antes, como duas das meninas que faziam handebol e foram em dois treinos do time de handebol da UnB, mas não se sentiram confortáveis pela falta de receptividade das praticantes daquela modalidade. Elas usaram o termo “panelinha” para justificar que se você não faz parte do grupo a inserção é muito difícil. Outra fazia vôlei há nove anos, mas não pode continuar o vôlei na faculdade pois os treinos aconteciam à noite e ela não tinha a disponibilidade de carro todos os dias para ir ao treino. Assim observei que o Rugby não foi a primeira opção de metade das praticantes, tentaram se inserir em suas antigas modalidades e não obtiveram o resultado esperado.

No processo de tomada de decisão em ir ao treino vinham os primeiros questionamentos. O medo de se machucar era o mais frequente entre todas. Uma das meninas apenas queria saber quem estava nos treinos. No primeiro treino da Daniela, por exemplo, por ter sido a primeira menina ao chegar lá só havia a Camilla e os meninos, ela treinou, mas sentia medo. Na semana seguinte a Maria e a Joana foram ao treino e a Camilla orientou um treinamento físico no qual as meninas ficaram exaustas por estarem um tempo sem fazer atividade física e por relatarem que o treino físico do Rugby era mais pesado do que nas outras modalidades praticadas. E na outra semana a Amanda foi ao treino, o qual foi preparado para novatas. Um treino mais leve e lúdico para atrair as praticantes a permanecerem na prática. Após duas semanas eu ingressei no time. Nesse momento os treinos eram pesados, mas todo mundo conseguia fazer tudo. A Luana entrou algumas semanas depois e não sofreu com os treinos, Nívia e Priscila entraram para o time alguns meses depois. Como não havia muitas meninas treinando a cobrança entre as presentes era alta para que as mesmas fossem aos treinos de modo que em caso de treino de contato nenhuma delas precisasse fazer com

um menino. As meninas questionavam antes de tomar a decisão de ir ao treinos. Foram chegando aos poucos através de convites de alguém que já tinha ido ao treino, mesmo com a intensidade dos treinos as meninas se dispuseram a continuar treinando e cobravam uma da outra a presença para não precisar fazer exercícios com o masculino.

Após alguns meses da sua fundação o time constituía uma organização mais estruturada. Contava com um presidente que cuidava das questões administrativas, um treinador contratado pela UnB e um auxiliar, argentino, que ao assistir uma das etapas do campeonato Circuito do DF, mostrou interesse em ajudar. O time encarou isso como um reforço a mais, por ele ser de outro país onde a cultura do Rugby é mais expressiva e por possuir experiência dentro do esporte. A relação do time feminino com o masculino era ligeiramente afastada, principalmente ao chegar o primeiro treinador. Às vezes ele se dedicavam apenas ao masculino e ia deixando o feminino de lado, onde a Camilla teve suma importância. Ao ver o feminino sendo deixado de lado ela usava da sua experiência para fazer algumas atividades, não deixando as meninas sem treino.

Desde sua criação os dias dos treinos passaram por mudanças, no caso, aumentaram. Até pouco tempo de sua criação, mais precisamente junho de 2014, os treinos eram ministrados somente as sextas-feiras. A partir de julho do mesmo ano implantaram-se também nas quartas-feiras, devido a resposta positiva por parte dos atletas. No mês seguinte, começaram os treinos também nas segundas-feiras, totalizando três dias por semana. Os treinos ocorriam das 12h15min às 13h50min, salvo exceções como feriados, finais de semana, recesso e afins, os quais os atletas procuram encontrar um horário adequado a todos. O time com o passar do tempo se tornou mais organizado, tinha um treinador mas nos treinos as vezes a Camilla tomava a frente para que o time feminino não ficasse de lado. Os treinos passaram de uma vez por semana para três vezes devido ao querer dos atletas.

A prática era realizada no campo do Centro Olímpico da UnB que não possuía tamanho oficial e não se encontrava em boas condições. A utilização desse espaço não era exclusiva do time de Rugby nos horários de treino. Os treinos eram gratuitos e abertos à comunidade; não era necessário ser aluno da UnB para treinar. Ao começar os treinos nas segundas-feiras o time

começou usar outro campo que se encontrava em condições melhores e com o uso exclusivo para o Rugby no horário de treino.

As praticantes costumavam ter aula as 14 horas, logo após o treino que nem sempre terminava no horário, as vezes se estendia cerca de 10 a 15 minutos. Com isso, a maior parte das meninas dependendo da aula que fosse ter, se não tivesse alguma apresentação de trabalho, prova ou algo de espécie costumavam ficar até o final do treino e iam para aula sujas e suadas. Tiravam apenas a chuteira e corriam para não chegar atrasadas em suas aulas. A prática era comum, pois queriam aproveitar ao máximo os treinos.

Havia um auxílio mensal do departamento de esporte e lazer (DEA) da UnB para algumas jogadoras que eram alunas da instituição e passaram por um processo seletivo. Essas atletas que recebem a bolsa têm algumas responsabilidades a mais que as outras, como a entrega mensal do relatório de frequência assinado pelo treinador para a Diretoria de Esporte Arte e Cultura (DEA)². O processo seletivo para esse primeiro edital de bolsa atleta não foi muito exigente, todas que eram alunas da UnB e estavam treinando pleitearam a bolsa, tendo em vista que não eram muitas praticantes na época. A frequência de todas as atletas, sejam bolsistas ou não, era controlada para a análise de frequência das praticantes.

Os treinos não costumam iniciar no horário previsto, com uma média de 15 minutos de atraso, devido ao fato do treinador trabalhar em Sobradinho e geralmente ficar com os materiais. As praticantes se arrumavam e ficavam na beira do campo conversando até o início do treino. As praticantes relataram que o auxílio existia, mas se não tivesse o auxílio continuariam treinando, pois diziam gostar do ambiente. Apesar do atraso do treinador, as meninas não se sentiam desestimuladas a treinar.

As praticantes eram de diversos bairros de Brasília. Na totalidade moravam em Planaltina-GO, Planaltina-DF, Sobradinho, Paranoá, Octogonal, Asa Norte, Asa Sul, Lago Sul, Vicente Pires, Guará Taguatinga, Águas Claras, São Sebastião ou Gama. Eram mulheres entre 19 e 35 que se relacionavam tanto no local de treino como em grupos via *WhatsApp* e

² Departamento da UnB.

*Facebook*³. O grupo disposto no *Facebook* era misto/geral, onde eram divulgados os treinos para aqueles que tinham interesse em começar a praticar, já no *WhatsApp* havia um grupo para o feminino, um para o masculino e um geral e são esses os ambientes de comunicação time. O presidente espalhou cartazes pela UnB sobre os treinos e o “boca-a-boca”⁴ era a uma das formas utilizadas tanto por ele como pelos jogadores para convidar pessoas e incentivá-las a treinar. Apesar dos diversos meios para atrair jogadoras, as primeiras praticantes só chegaram aos treinos a partir do convite de uma amiga.

As praticantes do time UnB Rugby Clube, em sua maioria são estudantes da própria UnB. Eram dos cursos de Educação Física, Nutrição, Geologia, Engenharia, Artes Cênicas, Geofísica ou Letras. Poucas delas estudavam em outra faculdade, trabalhavam ou não estudavam. Os meios de locomoção mais utilizados por elas para irem ao treino eram ônibus e carro, porém alguns deslocavam-se de moto, bicicleta e a pé.

A maioria das praticantes teve seu primeiro contato com o Rugby no time da UnB. Exceto a Camilla que já tinha uma vivência de cinco anos em outros locais, fora isso nenhuma das meninas tinha tido contato, algumas nem sequer sabiam do que se tratava o esporte.

Uma das dificuldades mais encontradas no Rugby pelas meninas era o fato de que a bola precisava ser passada para trás. Pela vivência dos outros esportes e costumes isso era uma coisa que sentiam tamanha dificuldade, uma das meninas se irritava bastante com essa regra. Outro fator que no começo atrapalhava bastante o rendimento das meninas era o Sol no horário do treino. Pelo fato dos treinos acontecerem no horário de almoço, a sensação térmica média era de 35° enquanto a temperatura de Brasília normalmente era de 28°. As praticantes relatavam se sentirem cansadas mais rápido devido ao calor. A Amanda tentava arrumar desculpas para não ir ao treino, ela se irritava com a bola passada para trás e principalmente com o Sol. As outras questionavam que era ruim a questão do Sol, mas continuavam indo aos treinos.

³ Redes sociais virtuais mais populares entre os jovens da localidade.

⁴ Ato de falar um com o outro para levar as informações e convites.

No Rugby o calçado usado para jogo é a chuteira. Mas no treino não era obrigatório. As meninas normalmente treinavam de tênis, porém na grama escorregava um pouco e então logo compravam uma chuteira e então escutavam “você não vai sair mais” a Camilla disse que esse era o lema do Rugby, a partir do momento em que a pessoa compra a chuteira, ela permanece jogando, pelo menos até pagar todas as prestações da chuteira.

Por quatro meses o time contou com apenas nove meninas, mas nem todas estavam presentes sempre. Com isso ao final do treino, onde o tempo era livre para jogar, as meninas eram dispensadas mais cedo e não jogavam pois não tinham quantidade suficiente para fazer um jogo. Todas tinham a vontade de experimentar o jogo, alegavam estar extremamente cansadas, mas para jogar tinham fôlego. Apenas para ter a sensação de fazer o ponto, o try. As praticantes tiveram maior comprometimento com o time a partir do primeiro amistoso, em junho de 2014, devido a quantidade de meninas, por ser um número pequeno, todas precisavam ir para o jogo. Pois jogavam sete e no time tínhamos nove, porém poucas aguentavam jogar um jogo inteiro. Com a pouca quantidade de meninas nos treinos, a valorização das novatas era cada vez mais evidente. Para não serem dispensadas ao final do treino e sim participarem dos pequenos jogos e para isso precisavam de mais meninas treinando, como afirma Amanda “eu acho que começamos a valorizar muito as meninas que chegavam no Rugby pois não tínhamos muitas, então todas que chegavam eram logo abraçadas.” Isso ajudou com que a receptividade fosse ainda maior e melhor e cada vez mais incluindo as novatas ao grupo, praticando o que aprenderam como cultura do Rugby.

O primeiro amistoso do time feminino da UnB aconteceu no Centro Olímpico da UnB contra o time do Rugby Sem Fronteiras, também recém-criado na época, com apenas dois meses a mais de treino que a UnB. As meninas do time nunca tinham experimentado o jogo, tudo ali era novidade. A Camilla não estava presente, logo o amistoso teve um número muito grande de novatas. Quatro meninas que jogavam no Brasília Rugby Clube foram nesse amistoso e se dividiram nos times, para equilibrar e auxiliar ambos os times no jogo. O jogo foi bastante produtivo para equipe, pois ali muitas decidiram continuar treinando pois acharam o jogo sensacional. Não tive muita sorte, quebrei o braço nesse amistoso, fui para o hospital e não sabia

se voltaria aos treinos novamente. Mas na sexta-feira era dia de treino e fui uma das primeiras a chegar com o braço engessado, assim permaneci por mais duas semanas, apenas indo aos treinos para assistir.

Os treinos foram passando por modificações, após seis meses da contratação do primeiro técnico pela a UnB o time conseguiu que fosse contratado um outro técnico. Sendo assim um para o masculino e um para o feminino. Logo os dois times começaram a receber mais atenção e puderam se focar cada qual em seus objetivos. Apesar de ser um time universitário o time não disputava apenas campeonatos universitários, o time buscava participar dos campeonatos do Centro Oeste e os que fossem acessíveis para todo o time. Porém após alguns meses, por falta de disponibilidade o segundo técnico contratado foi deixando o time de lado, não podendo mais ministrar os treinos. O presidente da época, que era o mesmo da época da criação do time, foi auxiliando o time masculino e montando treinos para eles.

O primeiro campeonato que o time feminino disputou foi o Circuito DF, campeonato criado pelos times do DF, tentando difundir cada vez mais a prática do esporte. O time estava bastante empolgado com a sua primeira participação, apesar de treinar com a UnB a Camilla jogava com o Brasília Rugby Clube, na época não tínhamos uniforme ainda, o William conseguiu algumas camisas com o DEA, que eram extremamente grandes. Nós perdemos o primeiro jogo para o Brasília Rugby Clube e conseguimos vencer o jogo contra o Rugby Sem Fronteiras, só haviam esses três times femininos no DF na época. O time feminino jogou com essas camisas duas etapas desse circuito, mas não gostavam. Pois pelo seu tamanho ser muito além do que cada uma usava atrapalhava bastante durante o jogo. Na última a Camilla jogou com o time da UnB e sugeriu que fizéssemos um uniforme para jogar essa etapa, foi algo simples em que todas concordaram. Cada uma comprou uma camisa branca do seu tamanho e no dia do campeonato chegamos mais cedo e escrevemos com canetões o nome da UnB na frente e o número atrás, esse uniforme só foi usado neste dia, pois ao final desse campeonato o presidente do time chegou com os uniformes que tinha encomendado e entregou para todas.

O primeiro campeonato disputado pelo time da UnB foi decisivo para as praticantes. Com a disputa desse campeonato as meninas afirmaram

querer permanecer no time, pois se sentiam muito felizes em estar jogando. Queriam começar a evoluir para as conquistas começarem a aparecer. Não queriam apenas ser um time que ia jogar os campeonatos e perder todos os jogos, mas queriam ganhar como equipe, pois o esforço de cada resultou em um crescimento do time.

Com o primeiro uniforme em mãos fomos para Goiânia disputar o primeiro campeonato fora de Brasília com times que não estávamos acostumadas a jogar. Jogamos o campeonato Pequi Sevens, em março de 2015, campeonato regional do Centro Oeste. O Campeonato teve seis times, o time da UnB só conseguiu ganhar um jogo nesse primeiro campeonato, mas todas as outras equipes tinham bastante tempo de Rugby, com pelo menos três anos de time.

Em meio a campeonatos os times do DF estavam sempre marcando amistosos quando podiam, principalmente quando iria ter algum jogo masculino ou campeonato masculino. O feminino aproveitava o campo para fazer jogos antes e depois. Em um desses amistosos, em abril de 2015 contra o time do Rugby Sem Fronteiras, a Amanda, uma das principais jogadoras da UnB, se machucou e rompeu o “LCA”⁵. Os treinos ocorriam nas segundas, quartas e sextas e a mesma era uma das atletas mais frequentes aos treinos, mesmo sem poder treinar. Por não ter plano de saúde ela esperou um grande período para poder fazer a cirurgia e ajudava o time em questões administrativas e sempre acompanhava o time nos campeonatos, mesmo fora de Brasília. Atitude que o técnico não tinha, ele sempre tinha uma desculpa para não poder acompanhar o time nos campeonatos, alguns deles em Brasília.

Em meio toda essa transição o time do Brasília Rugby Clube passou a treinar com o time da UnB, em junho de 2015, pois iriam disputar a final de um campeonato. As meninas do Brasília Rugby eram as veteranas do Rugby no DF que jogavam pelo time e também tinham experiências em outros times de outros estados. Elas estavam com poucas jogadoras, o que tornava os treinos complicados, pois não conseguiam fazer muitos exercícios pela quantidade de meninas. O time da UnB as recepcionaram muito bem. Além

⁵ “LCA” Abreviatura usada pelas praticantes para o Ligamento Cruzado Anterior do joelho.

de encher o treino do feminino, elas levavam o saco de bolas e cones do BRC⁶. A UnB não tinha abundância em materiais, então os materiais do BRC agregavam bastante nos treinos. O time feminino cresceu bastante nessa época, pois aprenderam bastante com as meninas, já que as meninas do BRC eram mais experientes.

Após o Pequi, o time do BRC parou de treinar com a UnB. Algumas meninas iam quando era possível, mas davam prioridade para ir ao treino do BRC, quando podiam. O time do BRC não foi a frente após a competição, pois apenas quatro meninas se mantiveram firme treinando, optando por começarem a frequentar os treinos da UnB e então o BRC foi dissolvido. O treinador do BRC na época também precisava se afastar por questões pessoais de estudos.

Os treinadores da UnB continuavam contratados pela Universidade, mesmo não dando os treinos. Os mesmos faziam repasses para o time. Para que pudessem pagar outro treinador. O contrato era por meio de edital, se eles pedissem demissão no DEA o time ficaria sem fundos para pagar os futuros treinadores.

O time feminino seguiu e logo após o treinador do time feminino também deixou o time. A Daniela e o William já tinham em vista uma treinadora, que era jogadora do Goianos, mas tinha acabado de se mudar para Brasília. Ela era educadora física e ainda não tinha emprego. O time então a contratou para dar treinos para o time feminino. O time masculino continuava sob o comando do William, que passava o treino ou arrumava alguma para passar por ele.

As meninas recepcionaram bem a treinadora, por já a conhecer de outras competições, as quais o time do Goianos estava presente. A treinadora proporcionou um crescimento na equipe, tanto sentimento de equipe como taticamente. Ela ficou com por 7 meses, até que por questões pessoais teve que deixar o time. Nos seus últimos três meses (abril, maio e junho) o time não apresentava boas condições financeiras, por ter acabado as bolsas atletas e os contratos dos treinadores, poucos pagavam mensalidade, nos últimos 8 meses antes da criação da diretoria ajudei o time

⁶ Sigla para Brasília Rugby Clube.

cuidando da parte financeira do feminino. Então eu conversei com a treinadora que não teríamos como paga-la nos próximos meses enquanto não houvesse um novo edital, normalmente os atletas pagavam mensalidade apenas quando recebiam bolsa. Ela permaneceu por dois meses dando treinos voluntários para o time. Então novamente o time ficou sem treinadora, o que não durou muito tempo.

Em março de 2016, a Camilla e algumas pessoas se propuseram a formar uma diretoria e tornar o time mais organizado. Criaram uma comissão para elaborar um estatuto, onde qualquer pessoa podia entrar. Ao criar o estatuto o clube passou por um período de eleições para cinco cargos: diretor fiscal administrativo, diretor de recursos humanos, diretor técnico esportivo e dois diretores de bens e finanças. Foram eleitos e a Camilla permanecia como uma das líderes, sendo eleita como diretora fiscal administrativa, quando começaram esse novo projeto de organização e criação de um CNPJ para o clube a treinadora começou a dar os treinos voluntários, após a sua saída o time passou por uma transição onde a Camilla e o Luciano passavam os treinos. Logo se formalizou, houve um novo edital da bolsa, onde a diretoria fez uma seleção dos que iriam pleitear as bolsas por uma tabela onde elencava frequência de treinamento, tempo de clube, campeonatos disputados pelo time, dentre outros. A Camilla passou a ser contratada para treinar o time feminino e o Ravi o time masculino, Ravi que era um jogador de Rugby de um time do Rio de Janeiro e tinha pouco tempo que havia voltado da Nova Zelândia, onde passou alguns anos jogando Rugby.

A contratação da Camilla mudou totalmente o perfil dos treinos do time feminino, pois havia uma sequência, começávamos com alguns exercícios de passes para aquecer, logo depois vinha o físico e após a parte tática. Nenhuma das meninas estavam acostumadas com um treinamento físico, os treinadores que passaram pelo time nunca passaram físicos em uma progressão de treino a treino, normalmente tinha algum circuito físico um dia ou outro. A aceitação das meninas começaram a partir do primeiro campeonato que disputaram após a entrada da Camilla, pois sentiram a diferença que os físicos feitos em treino fazia nos dias de jogos. E as meninas então começaram a falar “Camilla, eu te odeio nos treinos, mas te amo nos dias de jogos”. A nova treinadora também possuiu outro diferencial com

relação aos outros treinadores que passaram pelo time feminino. Por ser jogadora de Rugby há quase sete anos e ter atuado em outros times como treinadora, presidente do time e toda a sua vivência no ambiente do esporte, colocou a equipe para treinar mentalmente, com treinos que fizessem com que as atletas precisassem pensar para poder agir. Trabalhou a visão de jogo e tomada de decisão a partir dessa visão, o que fez com que o time crescesse significativamente, com notória percepção em campeonatos disputados após a sua entrada, obtendo melhores resultados.

As primeiras praticantes foram convidadas por alguém que já tinha ido em algum treino e tiveram questionamentos na tentativa de ingressar ao time. Questionamentos que não impediram as mesmas de entrar no time. Sentiram dificuldades em alguns treinos principalmente com relação ao físico, pois no início ainda não estavam acostumadas com o treinamento. Algumas das praticantes recebiam bolsa atleta da Universidade, mas relataram não ser determinante para a permanência na prática. O calçado utilizado para a prática foi relatado por uma das praticantes como fator determinante para a permanência, por um lema do esporte.

O time passou por diversas modificações durante o processo. Como a mudança de treinadores, em um ano e meio o time teve três treinadores diferentes, mas não parece determinante para a permanência das praticantes. Os treinos aumentaram ao decorrer do tempo através do querer delas. As meninas do BRC também vieram agregar ao time no decorrer do processo, mas nem todas permaneceram com o time.

As lesionadas continuavam comparecendo aos treinos para assistir e quando era possível ajudar o time em alguma necessidade. A Camilla era uma figura muito importante no time da UnB, não só por ter sido a fundadora, mas por ter auxiliado o time sempre em suas necessidades e por sua experiência no Rugby ensinava para as praticantes diversas coisas.

Os campeonatos fizeram com que as primeiras integrantes do time se firmassem ainda mais. Pois a experiência de jogar foi bastante relevante para elas, já que não haviam muitas meninas treinando. Nos campeonatos tinham vários jogos que davam a oportunidade das praticantes experimentarem o jogo e terem uma melhor vivência do que era o jogar Rugby.

O time da UnB acolhia todas aquelas que queriam treinar ou que já treinavam em outros times. Era considerado um terreno “neutro”, por ser um time novo com relação aos mais antigos do DF e não possuíam as “rixas antigas⁷”. O time feminino cresceu bastante. No começo eram apenas nove meninas, durante o processo um número significativo de meninas passou pelo campo de treinamento, mas nem todas permaneceram.

3.2 Análise da frequência

Para melhor responder alguns questionamentos foi feita uma análise da frequência das praticantes do time da UnB aos treinos. Apesar de ser apontado pelas praticantes como “terreno neutro⁸” as meninas do RSF não conseguiam vir em dois treinos seguidos e nem com muita frequência, por esse motivo não entraram no estudo. As praticantes foram divididas em três categorias I) Pioneiras da UnB, as primeiras a chegar a partir da criação do time ou nos primeiros 5 meses; II) Novatas, são todas que entraram posteriormente; III) Veteranas, integrantes do time que treinou com a UnB por um período e após a sua dissolução as praticantes que continuaram treinando na UnB foram consideradas veteranas por terem outro clube de origem.

Chan Vianna (2010) descreve o ritual de permanência das meninas no futebol dividido em quatro etapas, por ter familiaridade e proximidade com o estudo, utilizei da mesma forma. A primeira é a tentação, onde a praticante tem o desejo de estar no grupo e se arrisca a engajar nos treinos. A segunda é a perseverança, onde a praticante em interação, precisa enfrentar as provações internas para permanecer no grupo. A terceira etapa é a permanência que define a praticante como pertencente, pois diante dos olhos de todos já é reconhecida como tal. A quarta etapa é chamada de dispersão, que não necessariamente acontece após passar por todas as etapas, mas quando a praticante não quis, ou não conseguiu continuar na prática.

⁷ A Camilla citava o termo para falar sobre antigos desentendimentos ocorridos com os times mais antigos.

⁸ As praticantes descreviam terreno neutro como o lugar em que qualquer praticante de qualquer time podia frequentar sem desentendimentos com seus times.

Foram observados, sistematicamente, 150 treinos, o que representa todos os treinos compreendidos de abril de 2015 a junho de 2016. Por ser atleta do time, já havia observado o time desde o meu ingresso. Os treinos acontecem três vezes por semana no intervalo de almoço da grade de horário da FEF no campo do Centro Olímpico da UnB. O tempo de treino é de 1 hora e 35 minutos, mas com os atrasos, ora das meninas, ora dos treinadores o tempo se reduz a 1 hora e 10 minutos.

Elaborei a pauta de chamada e ao lado a data em que cada praticante entrou, mantendo assim a ordem cronológica que cada uma chegava. Dados que permitem dizer quanto tempo cada uma levou para permanecer ou dispersar assim como realizado em Chan-Vianna, 2010. No primeiro dia de observação estavam presentes sete praticantes. Durante todo o período de observação foram analisadas 53 praticantes. O critério para ter o nome incluído na lista era a presença no segundo treino consecutivo.

O quadro I apresenta a ampla distribuição das praticantes por faixa etária. Durante o período observado, passaram pelo time mulheres de 19 a 35 anos. As Pioneiras tem a maior parte de suas praticantes entre 21 e 23 anos e apenas uma praticante com 26 anos. As novatas se espalham pelas variadas idades de 19 a 35 anos. O grupo do BRC varia entre 22 e 31 anos.

QUADRO I

Idade	F	Pioneiras	Novatas	Veteranas
19	2	-	1	-
20	3	1	-	-
21	6	4	2	-
22	4	2	2	2
23	4	-	2	1
24	2	-	2	1
25	2	-	2	2
26	7	1	2	3
27	3	-	2	1
28	2	-	1	1
29	1	-	-	1
30	2	-	1	1
31	1	-	-	1
32	1	-	1	-
33	-	-	-	-
34	-	-	-	-
35	1	-	1	-
Não informaram	12	-	12	-
Total	53	8	31	14

85% (45/53) das praticantes que tentaram fazer parte do grupo tinham entre 19 e 27 anos. Assim, uma pequena parcela tenta começar o esporte com 28 anos ou mais.

Organizando a tabela por faixas etárias, tendo a idade 27 como divisor, analisamos a melhor distribuição das praticantes. As doze praticantes que não informaram a idade através de entrevistas e bate papos foram encaixadas entre a primeira faixa etária, supondo pela fisionomia e proximidade com algumas praticantes do time que chegaram junto com elas.

QUADRO II

Faixa etária	F	Pioneiras	Novatas	Veteranas
19 – 27	45	8	27	10
28 – 35	8	-	4	4
Total	53	8	31	14

No quadro II observa-se um equilíbrio da frequência da primeira faixa etária entre as Pioneiras e as Veteranas, já as novatas obtiveram um número muito maior (27/53), ou seja, meninas que nunca tiveram contato com o Rugby antes de conhecer o time se concentraram na primeira faixa etária. No quadro II nos mostra claramente que as praticantes decidem por começar o esporte na faixa dos 19 e 27 anos, quando apenas 8/53 tentam após essa idade.

O quadro III apresenta a frequência no momento de entrada das novatas no time, a permanência das Pioneiras e a presença das meninas do BRC. Foi possível observar que em meses que antecedem competições importantes os treinos eram mais cheios. As Veteranas procuravam treinar com o time e as Pioneiras que permaneceram no time não faltavam para ter o seu lugar garantido na competição, enquanto as novatas se esforçavam para ganhar um lugar. A frequência da entrada de novatas foi maior e mais dispersa durante os meses observados, porém nos meses de final de semestre da faculdade a entrada de novatas é baixa com relação aos outros meses, como junho, julho, novembro e dezembro. O time era aberto para a comunidade, mas a maior parte das praticantes eram universitárias, logo acompanhavam o calendário letivo da universidade. No começo do semestre existem mais novatas tentando ingressar no time, como em abril e maio e ao decorrer do semestre esse número cai, observamos que as novatas tem o maior número de ingresso ao time no primeiro semestre letivo. As Pioneiras foram todas marcadas em abril, pois iniciaram com a criação do time ou nos seus primeiros meses, não entrando nos outros meses por esse motivo. O mês de abril e maio para as Veteranas foi importante, pois estavam prestes a disputar um campeonato e no treino delas havia poucas meninas, então se

juntaram ao time da UnB para treinar para o campeonato que seria disputado em julho.

QUADRO III

Mês/Ano	F	Pioneiras	Novatas	Veteranas
04/2015	21	8	10	4
05/2015	13	-	3	9
06/2015	3	-	1	2
07/2015	-	-	-	-
08/2015	1	-	1	-
09/2015	7	-	7	-
10/2015	-	-	-	-
11/2015	-	-	-	-
12/2015	-	-	-	-
01/2016	-	-	-	-
02/2016	1	-	1	-
03/2016	4	-	4	-
04/2016	2	-	2	-
05/2016	2	-	2	-
06/2016	-	-	-	-
Total	53	8	31	14

O número de praticantes que tentaram ingressar no time de Rugby da UnB foi significativo. O número de praticantes por treino variou de 6 a 15 em quase todo o período analisado. Entretanto, passaram pelo campo na tentativa efetiva de jogar, 53 mulheres, sendo Pioneiras, novatas ou Veteranas, de diversas idades e em diferentes períodos do semestre. Esse número foi maior, pois alguma treinaram apenas uma vez ou apareciam em um treino a cada dois meses.

O quadro IV indica quantas aulas cada uma das 53 praticantes esteve presente. Como as praticantes não entraram no mesmo momento, o número elevado de aulas, como dado isolado, não indica que uma praticante permaneceu na prática. Assim como uma praticante que continuava na turma pode ter aparecido em poucas aulas. A tabela indica quantas aulas cada uma

participou, desde o momento em que entrou na pauta de chamada até o momento de fechamento da observação. O quadro IV, portanto, apresenta a tendência de quanto elas perseveraram na tentativa de se manterem jogando no time de Rugby da UnB.

QUADRO IV

Números de treinos	F	Pioneiras	Novatas	Veteranas
2	5	-	4	1
3	7	-	6	1
4	3	-	2	1
5	1	-	1	-
6	2	-	-	2
7	-	-	-	-
8	1	-	1	-
9	-	-	-	-
10	2	-	1	1
11 – 20	4	-	2	2
21 – 30	2	-	1	1
31 – 40	9	2	5	2
+ 50	17	6	8	3
Total	53	8	31	14

Apesar da extensa distribuição apresentada na tabela, as tendências mais significativas aparecem em suas extremidades. O dado é indicador de que a desistência acontece precocemente e que após resistir algumas aulas a probabilidade de permanecer aumenta consideravelmente. Quem desistiu cedo não estava imbuída de uma grande tentação, ou não tinha noção alguma do que iria encontrar pela frente. O número +50 treinos foi definido pois após essa quantidade de treinos não houve diferença significativa da quantidade, para permanecer ou dispersar.

68% (36/53) treinaram no máximo 40 vezes durante o período observado, nesse mesmo período 23% (12/53) das praticantes treinou no

máximo 3 vezes. Somente 32% (17/53) das praticantes conseguiram ir treinar mais de 50 vezes, o que significa que grande parte das praticantes não fizeram 1/3 dos treinos realizados no período da observação.

Analisando as Pioneiras, as novatas e as Veteranas separadamente observa-se um equilíbrio entre as pioneiras e as novatas que participaram de mais treinos enquanto o número de novatas desistentes até o quarto treino é maior do que nas outras categorias. Das praticantes que participaram de mais de 50 treinos, são 6 pioneiras, 8 das novatas e 3 das Veteranas. E entre as que participaram de até 4 treinos são 12 das novatas, 3 das Veteranas e nenhuma pioneira.

Entre as praticantes que foram em mais de 50 treinos a assiduidade das pioneiras é quase completa, tendo apenas poucas faltas durante todo o período de observação. Metade das novatas que frequentaram a maior parte dos treinos também se mantinham assíduas. As Veteranas mesmo participando de vários treinos não conseguiam ser assíduas.

Pude então, subdividir mais uma vez o grupo estudado, não só em Pioneiras, novatas e Veteranas, mas também as que perseveraram e as que se ausentaram. As ausentes foram consideradas as que deixaram de treinar por mais de um mês e não retornaram até o fim da observação. As que perseveraram são aquelas que mantiveram presença na maior parte das aulas a partir do momento de sua entrada até o final do período de observação. Assim o estudo se configurou nas seguintes categorias de análise.

QUADRO V

Pioneiras perseveraram 6	Novatas perseveraram 11	Veteranas perseveraram 4
Pioneiras ausentes 2	Novatas ausentes 20	Veteranas ausentes 10

As Pioneiras que perseveraram entraram no time na sua criação ou até quatro meses após. Estão todas na primeira faixa etária (19 – 27 anos). Iniciaram a prática por convite de colegas de curso exceto uma que foi convidada por um antigo namorado. Continuaram perseverando na prática e foram muito frequentes aos treinos durante todo o período de análise, participando de mais de 50 treinos. As pioneiras que se ausentaram do time tiveram problemas de saúde. Uma delas se lesionou e passou por uma cirurgia e a outra tinha problemas cardíacos, assim deixando o time, mas em alguns treinos ambas apareciam para visitar o time.

As Veteranas entraram no time nos meses de abril, maio e junho de 2015. Começaram a treinar com o time da UnB por falta de praticantes nos treinos delas, mas logo após disputar o último campeonato importante em 2015 o time se dissolveu. Das que perseveraram três delas estão na primeira faixa etária e uma na segunda faixa etária (28 - 35 anos), sendo bastante frequente aos treinos. Das Veteranas quatro perseveraram treinando com a UnB e as outras 10 dispersaram. Por diversos motivos, como lesões, morar em outro estado, trabalhar no horário do treino, entre outros.

As novatas não costumavam entrar no time no primeiro mês letivo do ano da UnB. No segundo mês (abril) há uma grande entrada e essas entradas vão diminuindo ao decorrer no semestre ao ponto que ao final do semestre não há entrada e em julho, agosto, dezembro e janeiro são as férias. A análise aponta que as novatas tentam ingressar no time, em sua maioria, no primeiro semestre letivo. No segundo semestre há pouca entrada de novatas.

As novatas que perseveraram estão distribuídas na primeira faixa etária. A maioria estudantes da UnB e apenas duas meninas de outras universidades, uma praticante trabalhava na UnB e outra não tinha vínculo com nenhuma universidade, veio através do convite da irmã que trabalha na UnB.

O quadro VI demonstra as novatas que perseveraram, sua faixa etária e o número de treinos.

QUADRO VI

Novatas perseveraram	Faixa etária	Nº de treinos
Novata 1	21	20
Novata 2	22	+50
Novata 3	22	40
Novata 4	23	+50
Novata 5	23	40
Novata 6	25	+50
Novata 7	25	+50
Novata 8	26	+50
Novata 9	26	40
Novata 10	27	40
Novata 11	27	+50

As novatas estão bem distribuídas entre as idades, tendo participado de pelo 20 treinos para alcançar a permanência. A mesma análise foi realizada com as novatas que se ausentaram para fazer uma comparação com os grupos.

QUADRO VII

Novatas ausentes	Faixa etária	Nº de treinos
Novata 1	19	2
Novata 2	19	5
Novata 3	20	3
Novata 4	20	8
Novata 5	21	3
Novata 6	22	2
Novata 7	23	4
Novata 8	23	3
Novata 9	24	10
Novata 10	24	3
Novata 11	25	+50
Novata 12	25	2
Novata 13	26	+50
Novata 14	26	20
Novata 15	26	3
Novata 16	27	2
Novata 17	28	3
Novata 18	30	3
Novata 19	32	4
Novata 20	35	30

A maior parte das novatas desistiram após o oitavo treino. Apenas 5 das praticantes fizeram mais que 10 treinos para tentar permanecer no time mesmo assim se ausentaram. Apenas uma novata da segunda faixa etária realizou mais que 10 treinos, as outras desistiram antes, a segunda faixa etária está mais suscetível a dispersão.

Comparando as novatas que permaneceram com as que se ausentaram temos que a idade pode ser considerado como um fator determinante para a não permanência. Tendo em vista que apenas uma praticante com a segunda faixa etária conseguiu realizar 30 treinos, mas o

número não foi suficiente para a sua permanência. O número de 30 treinos normalmente é um divisor para alcançar a permanência no grupo, tive contato com as novatas que participaram de além de 30 treinos e as mesmas relataram seus motivos para a saída do time como lesão, mudaram o horário do trabalho não conseguindo ter o horário de almoço livre para ir ao treino ou mudança de estado.

A conclusão da frequência identificou a importância do grupo de Pioneiras. Com isso, as Pioneiras mostraram importância por ser o grupo mais frequente e mostrou que elas que iniciaram o time ao agregar novas jogadoras. A partir disso foi buscado escrever a trajetória dessas Pioneiras para explicar mais a fundo quem são elas. Depois disso foi realizado um Grupo Focal para que elas pudessem expressar suas opiniões sobre o Rugby. A conclusão disso trará a resposta dessa pesquisa. No próximo tópico trataremos das trajetórias.

3.3 Trajetórias Individuais

Velho (1987) ao analisar a cultura aponta que “o indivíduo não é um receptor passivo de normas sociais. Ele tem interpretação sobre isso e um campo de possibilidades para tomar decisão e agir” (p.31). Foi usado esse conceito de “campo de possibilidades” desenvolvido por Velho (1987, 2003) para analisar e descrever o contexto das Pioneiras, compreendendo como um indivíduo se move no campo em que está inserido.

Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sóciohistórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. (Velho, 2003, p. 28).

O campo de possibilidades é um conceito fundamental para compreensão da maneira pela qual os projetos se movimentam ao longo de uma trajetória de vida. O cotidiano apresenta um mapa de orientação para todos, mas cada um se move nele de acordo com sua individualidade, que é construída na trajetória individual. Um indivíduo então faz escolhas, mas faz isso limitado pelo campo de possibilidades. Com base nisso as trajetórias

individuais das Pioneiras se tornam cruciais para entender como elas conseguem permanecer jogando Rugby. As observações de campo e conversas informais trouxeram características a respeito de cada uma e suas ações em diversas situações.

Pioneira I

Amanda, de 22 anos, era jogadora de Rugby do time da UnB. Além de jogadora ela ajudava o time com as questões administrativas. Era uma mulher com alta estatura, aproximadamente 1,72 m e magra, com cerca de 63 kg. Usava roupas com pelo menos uma peça apertada, o que mantinham algumas curvas do corpo a mostra. Chamava a atenção por seu cabelo cumprido loiro e olhos verdes, era considerada na faculdade como uma mulher bonita. Mora no Guará, com seus pais e sua irmã, era estudante universitária de educação física na UnB.

Ela era a única da sua família que tinha contato com o Rugby. Anteriormente ao rugby jogou vôlei por nove anos. Jogou Rugby predominantemente pelo time da UnB e apenas uma vez vestiu a camisa do BRC para jogar um amistoso. Passou a maior parte do tempo acompanhando o time nos treinos e nas competições, porém não treinava. No amistoso em que vestiu a camisa do BRC se lesionou e por não ter plano de saúde precisou esperar quase um ano para realizar a cirurgia, havia rompido o Ligamento Cruzado Anterior do joelho. Mesmo não jogando se mostrava uma pessoa dedicada e motivada com o Rugby, ajudando o time em todas as ocasiões.

O Rugby proporcionou experiências boas em sua vida, pois ao entrar no time todas eram novatas e todas aprenderam a jogar a bola para trás juntas, o que sentia dificuldade em fazer pela lógica dos outros esportes que ela conhecia. A questão do contato foi inovador, pois era jogadora de vôlei e não presenciava o contato físico direto com o seu adversário. Em campeonatos ficava surpresa quando via o esporte se concretizando e via inúmeras meninas como ela ou de idades diferentes se dedicando diariamente para conseguir alcançar o êxito no esporte.

Amanda, que foi convidada pela Maria para ir ao treinos após 1 mês de treino começou a ter vínculo de amizade maior com as Pioneiras. Estendia

os encontros para além do campo, costumava pegar matérias com a Joana, Daniela e Maria e também marcava com as outras meninas para se encontrar em lugares externos a UnB. Tem por sua característica ser uma das mais receptivas do time, se preocupando sempre com falar com cada uma. Era mais próxima da Maria, Joana, Daniela e eu.

Pioneira II

Daniela, de 26 anos, era uma mulher de estatura baixa com aproximadamente 1,62 m e magra, cerca de 54 kg. Assim como a maioria usava roupas com peças apertadas para manter curvas do corpo a mostra, era considerada na faculdade como uma mulher bonita. Mora em Vicente Pires, com seus pais, é formada em Terapia Ocupacional pela UnB e era estudante de educação física também na UnB.

Da sua família ela era a única que tinha contato com o Rugby, porém seus pais não aprovaram quando começou, pelo medo de que se machucasse. Antes de começar a jogar rugby jogava handebol no seu ensino médio e sempre jogou futebol em seu tempo livre. Desde a sua inserção no Rugby jogou pelo time da UnB, mas conheceu pessoas de outros times que a convidava para jogar, por gostar do esporte sempre aceitou os convites. Durante esse período jogou pelos times do BRC, BH Rugby, SPAC, Armada Rugby e Ilhabela Rugby.

O Rugby proporcionou a oportunidade de conhecer pessoas de todo o Brasil e diversas viagens. Com o número alto de viagens aprendeu a fazer tudo que era necessário sozinha, pois antes tinha seus pais sempre por perto para ajudar. Ela usava o ambiente para aliviar a cabeça por meio do exercício físico e se sentia bem praticando o esporte.

Daniela, foi convidada pela Camilla para ir aos treinos e após 1 mês de treino começou a ter vínculo de amizade com as outras meninas do time além do campo de treinamento. Pegava matéria com a Joana, Maria e Amanda, mas era mais próxima da Camilla, também conversava comigo, sempre nos encontrávamos nos corredores da faculdade onde conversávamos sobre diversos assuntos além do Rugby.

Pioneira III

Joana, de 21 anos, era uma mulher de estatura mediana com aproximadamente 1,67 m e magra, cerca de 57 kg. Costumava usar camisas esportivas de times e shorts curtos mais folgados com térmico por baixo. Mora na Asa Norte com seus pais e duas irmãs, estudante de educação física na UnB e fala inglês fluentemente.

Seus pais costumavam ir aos campeonatos que aconteciam em Brasília para vê-la jogar. Anteriormente ao Rugby ela jogou vôlei e tênis de quadra. Jogou Rugby predominantemente pelo time da UnB, apenas uma vez jogou um campeonato pelo BRC.

O Rugby proporcionou a experiência da coletividade, como jogou tênis, um esporte individual, por vários anos a questão de pedir ajuda ou ajudar alguém era difícil para ela. Conseguiu encontrar no Rugby a essa coletividade que a fez melhorar como pessoa, pois aprendeu como ajudar as outras. A sua timidez e o lado social também houve melhoras significativas, pois naquele ambiente ela se sentia à vontade para conversar e socializar com as demais. A experiência de viajar com um time para vários estados era muito bom para ela, pois antes de começar a jogar ela só viajava sozinha para competir.

Joana, foi convidada para treinar pela Maria e após um mês de treinos começou a ter amizade mais marcada com a Maria e Amanda. Costumavam pegar matérias juntas na faculdade e começaram a passar mais tempo juntas, estendendo a amizade para além da prática de Rugby.

Pioneira IV

Maria, de 20 anos, era uma mulher de estatura baixa com aproximadamente 1,61 m e magra, cerca de 54 kg. Usava regatas e shorts apertados, mantendo curvas do corpo a mostra. Mora no Vale do Amanhecer com seus pais e três irmãos, estudante de educação física na UnB e fala inglês fluentemente.

Assim como a maior parte das Pioneiras era a única da sua família que tinha contato com o Rugby. Antes de começar a jogar Rugby fez natação, karatê e futebol nos tempos livres. Migrou bastante de atividades pois ela não gostava e na época era obesa e sua mãe queria que fizesse

alguma atividade, tinha dificuldades para correr devido ao seu peso. O Rugby foi o único esporte que ela entrou pelo seu querer e não pelo peso ou porque a mãe pedia. Jogou Rugby predominantemente com o time da UnB e apenas uma vez vestiu a camisa do RSF para jogar um amistoso.

O Rugby proporcionou a experiência de viajar para outros estados com um time, a maior parte do tempo praticou esportes individuais e não tinha tido a oportunidade de competir nesses esportes fora de Brasília. Além de viajar gostava de conhecer novas pessoas dos outros times.

Maria foi convidada pela Daniela para começar a prática e após um mês começou a ter um vínculo maior de amizade com a Daniela, Amanda, Joana e comigo após três meses. Com as meninas ela costumava pegar matérias juntas e estendia a amizade além da UnB, como indo para a casa da outra para conversar sobre assuntos além do Rugby. Eu não pegava matéria com a Maria, nos encontrávamos normalmente nos horários de ir para faculdade ou na volta, pois eventualmente ela me dava carona, conversávamos sobre coisas além do Rugby. Após oito meses começou a ter uma amizade mais marcada com a Nívia, se encontraram para conversar vários assuntos em locais externos a faculdade.

Pioneira V

Júlia, de 21 anos, era uma mulher de estatura alta, com aproximadamente 1,71 cm e magra, cerca de 66kg. Usava shorts curtos e blusas apertadas deixando a mostra curvas do corpo. Mora em Planaltina, com sua tia e sua prima, estudante de educação física na UnB e tem noções de espanhol e inglês.

Ela foi a única da família que tinha contato com o rugby. Anteriormente havia jogado handebol, futebol e vôlei. Desde a sua inserção no rugby jogou pelo time da UnB, mas conheceu pessoas de outros times que a convidavam para jogar e por gostar do rugby sempre aceitou os convites. Com isso, durante esse período jogou pelo BRC, Bandeirantes Saracens e Arawak.

O rugby proporcionou a experiência de viajar com um time para vários lugares do Brasil e conhecer pessoas de diferentes times, constituir uma amizade criada através dos treinos que se estendeu para a vida cotidiana, onde se encontrava com algumas Pioneiras mais próximas, para conversar

sobre diversos assuntos além do Rugby. Com isso, o Rugby se mostrou importante em sua vida por ter tido várias viagens e uma sociabilidade maior.

Júlia, convidada pela Daniela e após um mês de prática, se tornou mais próxima da Camilla, Amanda e Daniela. Elas se encontravam pela faculdade e sempre conversavam umas com as outras. Além disso, tinham o costume de saírem pra comer juntas. Júlia costumava pegar matérias de estágio com a Camilla e eventualmente dormia em sua casa, pois a escola que faziam o estágio era em São Sebastião. o pai da Camilla trabalhava lá, então ficava muito longe pra Júlia, mas pela sua proximidade e amizade com Camilla preferiam fazer o estágio juntas.

Pioneira VI

Nívia, de 22 anos, era uma mulher de estatura mediana com aproximadamente 1,67 cm e magra, cerca de 63 kg. Costumava usar camisas mais largas e shorts curtos mais folgados com térmico por baixo, o que escondia algumas curvas do corpo. Mora no Gama com a mãe e o irmão, era estudante de educação física na UnB e fala fluentemente inglês e espanhol.

Como a maior parte das Pioneiras, só ela tinha contato com o rugby da sua casa. Anteriormente ao Rugby fez natação, karatê e handebol, treinava e jogava amistosos. Jogou Rugby apenas com o time da UnB.

O Rugby proporcionou a experiência de viajar para vários estados e conviver com pessoas diferentes, a convivência em grupo, aprender a lidar com as diferenças de cada uma e um grupo social para a sua vida.

Nívia, convidada pela Camilla para ir aos treinos, inicialmente não era tão próxima de nenhuma das outras Pioneiras, apesar de falar com todas. Após oito meses começou a ter um vínculo de amizade maior com a Maria, se encontravam para conversar sobre todos os assuntos.

Pioneira VII

Priscila, de 20 anos, era uma mulher de estatura baixa com aproximadamente 1,61 cm e magra, cerca de 54 kg. Usava shorts curtos e blusas apertadas, chamava atenção pelos seus traços asiáticos e era

considerada uma mulher bonita pela faculdade. Mora em Águas Claras com seus pais, dois irmãos e a namorada de um deles, estudante de geofísica na UnB, fala fluentemente inglês, mas tem noções de espanhol, japonês e francês.

Da sua família que tinha contato com o Rugby, mas em uma viagem que o pai foi para a África do Sul trouxe uma bola de Rugby de presente para ela. Anteriormente ao Rugby fazia natação e costumava correr, parou de fazer natação porque o treinador pediu para que ela fizesse academia e ela se considerava nova e não queria, também julgava que teria um futuro mais promissor nos estudos do que no esporte. Jogou predominantemente pela UnB, vestindo a camisa do Goianos Rugby e UFG Rugby uma vez em amistosos.

O Rugby proporcionou a experiência de viajar para vários estados do Brasil, o que considerava muito legal, teve a oportunidade de ter tido muitas amigas mulheres, o que não tinha antes. O Rugby proporcionava uma sensação de alívio, lugar onde esquecia os problemas. O trabalho em equipe foi muito importante, pois como só tinha vivências em esportes individuais não sabia como lidar com um time. O Rugby também ajudou na sociabilidade, pois era uma mulher tímida e tinha dificuldades para se comunicar com as pessoas, com a coletividade do time e do esporte conseguiu melhor essas questões pessoais.

Priscila, convidada por um antigo namorado para ir aos treinos, após um mês começou a ter um vínculo de amizade mais marcado com a Maria e a Luana, se encontravam fora da faculdade para conversar e irem a festas.

Pioneira VIII

Luana, de 21 anos, era uma mulher de estatura baixa com aproximadamente 1,62 m e magra, cerca de 54 kg. Usava roupas com pelo menos uma peça apertada, o que mantinham algumas curvas do corpo a mostra. Mora em Vicente Pires com seus pais, foi estudante de Estatística na UnB e trocou de curso para Artes Cênicas também na UnB, fala fluentemente as línguas inglês e espanhol, mas tem noções de francês e italiano.

Ninguém da sua família tinha contato com o rugby. Anteriormente ao rugby fazia atletismo, triatlão, xadrez e jogava futebol e handebol. Jogou

predominantemente pela UnB, vestindo a camisa do Goianos Rugby e UFG Rugby uma vez em amistosos.

O Rugby proporcionou a experiência de poder viajar para vários estados e conhecer pessoas fantásticas, viajar com um time, poder crescer como pessoa não só dentro do esporte e trazer as suas experiências de vida para dentro do time e aprender com cada uma sobre suas experiências.

Luana, foi convidada por um amigo para começar a treinar e após um mês tinha um vínculo de amizade mais marcado com a Priscila, também brincava muito com a Joana nos treinos, gostavam de fazer jogadas juntas. Luana era muito comunicativa, então conversava com todas nos treinos e fora deles.

Os dados das trajetórias apontam que todas as Pioneiras eram estudantes universitárias da UnB, a maior parte delas da educação física. A idade média entre elas era de 21 anos, apenas uma tinha 26 anos e já tinha uma formação anterior em um curso na UnB.

As Pioneiras apresentavam características comuns. Comparando com as práticas corporais mais comuns para as estudantes, elas costumavam ter o hábito de cumprimentar todas as praticantes nos treinos, ensinar passes e técnicas para quem não apresentava um bom desempenho, obrigar uma a outra ir para o treino, receber e acolher as novatas da melhor forma, entre outros. Isso mostra que elas se responsabilizam pelo bom andamento dos treinos, para que exista um melhor desempenho das praticantes e uma quantidade significativa de praticantes por treino.

Comparando as Pioneiras com o tipo comum das estudantes de educação física da UnB elas costumavam andar sempre com as roupas de treino, normalmente iam suadas e sujas para as aulas para aproveitar todo o tempo disponível para a prática. A maior parte delas usava pelo menos uma peça de roupa apertada o que permitia algumas curvas do corpo a mostra, duas delas usava camisas mais folgadas e shorts curtos folgados com térmico por baixo. Pode-se sugerir que as Pioneiras não se atêm ao olhar das outras pessoas que possam julgá-las pelo modo que vão vestidas para a aula, justificado para elas pelo maior aproveitamento do tempo de treino.

A análise aponta que todas moravam com seus pais, algumas com irmãos. Suas famílias não tinham contato com o Rugby, apenas uma família acompanhava os jogos de uma delas. Antes de começar a jogar todas tiveram vivências com algum esporte, a maior parte em esportes coletivos e duas competiram predominantemente em esportes individuais. Assim, pode-se sugerir que as práticas esportivas anteriores são mais significativas para o interesse no Rugby que o incentivo da família.

A análise das trajetórias das Pioneiras, complementadas pelos dados do diário de campo, aponta que todas eram estudantes universitárias. Além disso algumas estagiavam e durante o processo de observação, todas receberam bolsa atleta. Por causa disso, algumas então deixaram seu estágio para se dedicar ao Rugby e a faculdade. Não havia nenhuma Pioneira das camadas da elite. Todas relatavam em suas conversas batalharem para conseguir dinheiro para ir nas viagens do time. O Rugby proporcionava a possibilidade de viajar, mas a universidade não dava apoio financeiro para todas as viagens, então as participantes tinham que se juntar para custear os gastos de inscrição, passagens, alojamento e alimentação. Desta forma, todas deveriam ter um conhecimento mínimo a respeito de sua condição financeira e executar um planejamento de modo a possibilitar a participação nos campeonatos desejados.

De acordo com os dados analisados o Rugby proporcionou várias experiências à vida delas. A mais frequente foi a possibilidade de viajar para vários estados do Brasil e com isso conhecer várias pessoas. A sociabilidade também é bastante apontada por elas como experiência positiva relacionada com a prática. Algumas afirmaram melhorar a timidez através do ambiente que o Rugby proporcionava para elas. O espaço dos treinos e jogos funcionava como um lugar para “aliviar a cabeça de outras preocupações”. Aprenderam a lidar com a coletividade. Principalmente as duas Pioneiras que vinham de esportes individuais, afirmaram que a prática ajudou bastante nesse aspecto e que a amizade entre elas foi um fator importante para continuarem jogando apesar de todas as dificuldades do cotidiano e do treinamento. Assim desta feita, os fatores positivos do Rugby eram maiores que os negativos. A motivação na sociabilidade superava as dificuldades implícitas na prática de rendimento dos treinos.

Em síntese, os dados de campo mostraram que as Pioneiras mobilizavam esforços pessoais para colocar o Rugby em seus cotidianos. Elas dedicavam esforços para organizar a vida e poderem ser atletas. Entretanto, a amizade, as viagens e as experiências vividas eram mais significativas para que elas permanecessem praticando.

3.4 Análise do Grupo Focal

O GF foi realizado com no intuito de captar como as Pioneiras organizavam suas ideias a respeito do Rugby. As questões apresentadas na mediação do instrumento e o debate travado entre elas apontou os dramas e como elas justificavam resolver essas situações no cotidiano. Os resultados do instrumento mostraram a aproximação desses argumentos com os apresentados por Chan-Vianna (2010) sobre o mesmo tema com jogadoras de futebol no lazer.

Chan-Vianna (2010) descreve o ritual de permanência das meninas no futebol dividido em quatro etapas. A primeira é a tentação, onde a praticante tem o desejo de estar no grupo e se arrisca a engajar nos treinos. A segunda é a perseverança, onde a praticante em interação, precisa enfrentar as provações internas para permanecer no grupo. A terceira etapa é a permanência que define a praticante como pertencente, pois diante dos olhos de todos já é reconhecida como tal. A quarta etapa é chamada de dispersão, que não necessariamente acontece após passar por todas as etapas, mas quando a praticante não quis, ou não conseguiu continuar na prática.

A fase axial de análise do Grupo Focal gerou codificações que se encaixaram nas etapas do estudo de Chan-Vianna (2010). Assim, para cada etapa desse ritual de permanência foi considerado uma categoria de análise no presente trabalho. Desse modo foram elencadas para a categoria tentação: quem a convidou; como conheceu cada uma; esporte que praticava antes do Rugby; porque foi convidada; obrigação de ir; o que achava ser o Rugby; curso que fazia, como conheceu quem a convidou e primeiros questionamentos. Na segunda categoria, perseverança: primeiro treino; o que achava do treino; porque ia ao treino; recepção pelas praticantes do Rugby; o que não agradava; desculpas para não ir ao treino; medos; tímidas do grupo;

como eram os treinadores; diferença para os outros esportes e valorização das novatas. A terceira categoria, permanência: motivo para ficar na prática; tratamento com as demais; sentimentos por estar no Rugby; socialização que o Rugby proporciona; inclusão que o Rugby proporciona; compromisso com o Rugby; importância de uma líder; e; como as pessoas se preocupavam em ajudar. Na quarta categoria, dispersão: quem não permaneceu; motivos para ser deixada de fora do grupo; quem não se encaixou no grupo; e; motivo para não se encaixar no grupo.

3.4.1 A tentação

As participantes falaram que chegaram no Rugby através de uma amiga que a convidou depois de frequentar um treino, com a exceção de duas. A primeira relatou “meu ex namorado queria que fizéssemos algo juntos, então ele me chamou para o Rugby”; a segunda informou que “um amigo me convidou para um time de Rugby pois havia poucas meninas” e completa “eu pensava que ia parar de fazer esportes quando entrei na faculdade, tinha uma visão de fazer atletismo, mas por fim parei aqui no Rugby.” Quatro delas eram calouras que tinham acabado de se conhecer, uma delas ressaltou “na aula da primeira semana o professor pediu para fazer trios e se apresentar, foi nessa brincadeira que eu conheci a Daniela.” A análise mostra que das oito participantes 6 eram da Educação Física, 4 calouras, uma do segundo semestre e eu que estava no terceiro semestre. As mesmas que foram convidadas por um amigo e o antigo namorado faziam Estatística e Geofísica. Elas chegavam do convite feito por uma pessoa que já tinha frequentado o treino, sendo sua maioria as próprias praticantes. A maior parte fazia Educação Física.

As participantes não conseguiram descrever um motivo para convidar as amigas para o treino. Uma delas falou “só tinha a Joana lá no pátio da FEF, então eu sentei ao lado dela e eu a convenci a ir comigo. Eu não ia ficar procurando então quando a vi sentei lá e tentei convence-la a ir e consegui” Elas falaram que convidaram pela praticidade, já que eram da mesma faculdade.

Antes de ir para o Rugby as participantes informaram ter vivências em outros esportes, como falaram “eu fazia atletismo e handebol”, “quando eu era mais nova eu treinava handebol”; “eu jogava vôlei”; “eu sempre fui atleta de natação e só fazia esportes individuais” e “eu também fazia handebol”. Assim como já faziam outro esporte também falaram como se sentiam nas outras modalidades como “quando eu era mais nova eu treinava handebol, vim em dois treinos de handebol na UnB, porém as atletas não me agradaram e parei de praticar”; “eu jogava na seleção de vôlei de Brasília, porém era reserva, da reserva. Eu jogava até bem, mas para o time que eu estava eu era muito ruim. Estava lá pra ficar catando bola ou qualquer outra coisa, mas eu gostava” e “eu também fazia handebol, mas eu não gostava das meninas, elas me excluía e faziam panelinhas” A análise aponta que as participantes já tinham vivência de outros esportes antes de entrarem no Rugby, sendo o handebol o esporte mais citado entre esses. As que tentaram continuar jogando handebol na UnB não tiveram uma boa receptividade, a praticante que treinava vôlei gostava e se sentia bem, mas teve que sair do time, as outras relataram se sentirem bem em suas modalidades.

As participantes tiveram alguns questionamentos antes de ir ao treino “eu disse que tinha contato, que eu ia me machucar e não ia começar um esporte com 24 anos, me achava velha”; “quem treina lá?” e “eu não queria me machucar e nunca tinha feito nenhum tipo de luta, apesar de já ter feito muitos esportes eu nunca fiz nenhum esporte individual e eu falei que eu não conseguia apanhar” A análise aponta que ao serem convidadas o pouco que ouviram falar no treino e buscaram saber depois do treino sabiam que era um esporte de contato e tentavam explicar uma a outra. Mas apesar dos questionamentos as mesmas não deixaram de ir ao treino.

O Rugby era um esporte novo, elas ainda não conheciam o esporte e falaram o que achavam ser o Rugby “imaginei que pudesse parecer com algo que eu fazia ou futebol americano”; “eu não sabia o que era, mas recebi o convite e fui lá ver como era”. Apesar das meninas apontarem não conhecer a modalidade, falaram no GF que após terem ido em um treino começavam a cobrar uma das outras com relação a frequência: “eu fui a primeira e obriguei a Maria.”; “quando alguma menina faltava nós tínhamos que treinar com os meninos, então a gente se obrigava a ir”. A análise aponta que as meninas

não sabiam o que era o Rugby mas mesmo assim foram para os treinos e começaram a descobrir o esporte. Apesar do tempo de inserção na prática uma obrigava a outra a ir para não ter que fazer exercícios com os homens.

No processo de tentação, de acordo com a análise feita, elas tiveram alguns fatores que podem ser considerados determinantes. Foram convidadas em sua maioria por uma amiga que já tinha ido ao treino, essa amiga não conseguiu descrever um motivo específico para o convite, apenas citou praticidade. Já tinham vivências de outros esportes, sendo o mais praticado anteriormente o handebol, algumas tentaram voltar a sua prática do ensino médio, mas não obtiveram os resultados esperados. Apesar dos questionamentos de se machucar e idade avançada para iniciar o esporte, avançaram para o processo da perseverança. Não sabiam direito o que era o Rugby e mesmo assim cobravam a presença uma das outras.

3.4.2 Perseverança

Para conseguir alcançar a perseveranças as participantes do GF passaram por um processo. Elas falaram como foi o seu primeiro treino “ao chegar lá só havia a Camilla e vários meninos, pensei que não ia me dar bem e possivelmente sairia machucada”; “o primeiro treino foi o físico da Camilla, foi muito pesado mas na outra semana nós voltamos”; “mas o treino que eu fui eles tinham preparado um treino para novatas. Então fui lá e fiz tudo que tinha pra fazer, mas o sol me atrapalhou muito” e “o primeiro treino que eu fui foi mais tranquilo, não teve o físico da Camilla”. Elas tiveram diferentes primeiros treinos, cada uma com uma particularidade, a primeira a ir ao treino se deparou apenas com a Camilla e os meninos, as duas que foram na sequência fizeram o físico da Camilla o qual relataram ser cansativo e ao decorrer do tempo do time os treinos passaram a ser mais tranquilos para as praticantes que tentavam ingressar no time.

As participantes falaram o que achavam dos treinos “eu achei muito legal”; “os treinadores não eram professores, eram pessoas interessadas no Rugby que se juntaram e que queria fazer o esporte crescer, acho que por isso os treinos não eram tão organizados, faltava planejamento” A partir do que elas achavam do treino falaram os motivos para irem aos treinos “eu só

fui para o Rugby aqui na UnB pelo horário, já que o treino começava ao meio dia. Os treinos de vôlei eram a noite e eu só tinha aula até às 12 horas, então eu teria que voltar pra faculdade a noite e não tenho carro disponível todos os dias”; “passávamos o dia juntas e eu vinha pra ela não fazer dupla com um menino grande e forte e ela da mesma forma”; “meu ex namorado falou que estavam faltando algumas meninas e pediu para eu ir ajudar o time feminino. Eu concordei por não ter coisa pior para fazer”; “eu nem sei porque eu ia, porque o primeiro treino foi horrível” e a mesma que relatou que só ia para o Rugby pois não poderia ir para o vôlei disse “a gente estudava na mesma sala e eu não queria ir mais e na semana seguinte eu arrumei uma desculpa dizendo que eu teria um compromisso, mas na verdade eu nem tinha”. A análise aponta que a maior parte delas achavam o treino legal e uma delas achava que faltava um pouco de organização, mas continuava indo aos treinos. Assim como os motivos para irem ao treino eram diversos, como não conseguir ir para o treino de outra modalidade, praticidade por passarem o dia juntas pois eram do mesmo semestre e tinham as mesmas aulas, pelo convite de um antigo namorado tentando ajudar o time feminino e uma delas apenas ia sem aparentemente não saber a razão.

Elas continuavam indo aos treinos, mas haviam medos e fatores que não agradava a todas. Como “quando alguma menina faltava nós tínhamos que treinar com os meninos. Eu já tinha medo de cair no chão e um menino me derrubando me dava mais medo ainda”; “eu tinha muito medo de me machucar”; “meu único medo era me machucar”; “eu não suportava a ideia de alguém me derrubar” e “umas das coisas que mais me irritava era ter que jogar a bola para trás. Eu fui nesse treino e fiquei muito cansada e muito vermelha por bastante tempo, por causa do sol e isso também me irritava”. A análise aponta que a maioria tinha medo de se machucar na prática e uma delas não gostava da parte onde uma derrubava a outra através da técnica do esporte. A bola ser passada para trás não agradava uma delas, pois sentia dificuldade para jogar a bola nessa direção.

Uma das participantes ressaltou a recepção das praticantes do Rugby “No Rugby as meninas vinham falar como se eu já fosse amiga delas, mas a gente mal se conhecia e eu não sabia lidar com isso. As meninas e elas me receberam muito bem. O Rugby me deixa muito bem, como tenho que

estudar muito lá é meu refúgio” Outras participantes relataram sua timidez “eu sou extremamente tímida e tenho dificuldade para fazer novas amizades”; “só fazia esportes individuais porque eu sou extremamente tímida”; “as vezes não aparenta, mas eu sou extremamente tímida e “eu sou muito tímida”. A análise aponta que elas tentavam receber as praticantes de maneira acolhedora, mas a maioria delas eram tímidas e conseguiam acolher bem as novas praticantes.

As participantes tentaram explicar como era a valorização das praticantes que tentavam ingressar na prática “eu acho que começamos a valorizar muito as meninas que chegavam no Rugby pois não tínhamos muitas, então todas que chegavam eram logo abraçadas” e outra completou “e não deixamos ir embora nunca mais”; “nós dávamos muito valor nas meninas que entravam e no vôlei talvez eu não recebesse esse mesmo valor, pois tem muita gente então se o meu passe é bom, mas o meu ataque não, não teria tanto valor” A análise aponta que a quantidade de meninas era baixa, e de acordo com a fala delas quando alguma menina tentava entrar no time era rapidamente acolhida pelas participantes para que permanecesse.

Elas falaram as diferenças que dos outros esportes “na verdade eu acho que se eu tivesse entrado para o time de vôlei eu seria apenas mais uma ali, pois existem muitas pessoas boas que treinam, que já treinaram em escolinhas e estão ali. Muitas amigas minhas me convidaram e falaram para eu ir lá me apresentar que o pessoal era legal. Não falei que as meninas do vôlei não são receptivas, o horário que não me ajudou a permanecer lá” e “o que me faz pensar diferente é que quando eu fui para os outros esportes tinha uma competição na própria equipe de que eu tinha que ser melhor do que o outro. Aqui no Rugby não, era um esporte que eu ia aprender e as pessoas queriam que eu fosse a melhor, mas todas me ajudavam para ser, cada uma ensinava um pouco do que sabia pra que eu crescesse pessoalmente” A análise aponta que por ser um esporte novo para as participantes as quais nunca tinham tido vivência anteriormente e não havia grande quantidade de meninas elas eram valorizadas de maneira que nas outras modalidades talvez não seriam, pois já haviam várias praticantes. Uma delas falou que o Rugby proporcionava o crescimento, para ser melhor, mas as meninas ajudavam para que alcançasse essa melhora.

O treinador a partir da visão das participantes “pra iniciante o nosso técnico era muito bom”; “o nosso técnico da UnB era mais brincalhão, por mais que a maioria das pessoas não gostassem dele. O técnico do Brasília era mais rígido”. A análise da fala das participantes aponta que a maioria delas admitiram que o técnico era bom para iniciantes, mas ele não tinha evoluído o trabalho, continuava sempre na mesma coisa.

De acordo com os dados que a análise aponta a perseverança foi alcançada pelas participantes por terem passado pela tentação e aceitado o convite para ir ao treino. Ao ir ao treino e conseguido lidar com o que encontrou na prática, treinos com a maior parte dos primeiros praticantes sendo homens, físicos intensos ou um treino mais leve. Apesar do medo de se machucar, a alta temperatura e o incômodo com a regra da bola ser passada para trás continuaram indo aos treinos. Consideraram como fator importante a recepção que encontraram no Rugby que se dava por uma valorização de todas que chegaram, pois o time feminino não tinha muitas praticantes. Elas respeitavam o treinador, apesar de não gostar do seu estilo de treino.

A aceitação pelas demais praticantes teve importância para as participantes, pois tinham vivências de outros esportes que não tiveram a recepção esperada. A análise aponta que elas afirmaram ter uma recepção no Rugby diferenciada dos outros esportes que praticaram anteriormente. Falaram que a prática era difícil para elas, devido aos treinos intensos, alta temperatura e algumas regras. Mas diante de todas as dificuldades encontradas elas se sentiam bem com o ambiente, pude notar através das observações e diários de campo que gostavam de estar nos treinos, se sentiam bem por estarem lá. Os diários de campo fortaleceram as afirmativas das participantes com a recepção que encontraram e como se sentiam nos treinos.

3.4.3 Permanência

A permanência ocorria a partir do momento em que elas já se consideravam como parte do time. Elas contaram os fatores que as incentivaram a permanecer na prática.

As participantes relataram os motivos para permanecerem na prática “eu não sabia o motivo, saia do treino cansada. Mas eu acho que o esporte, porque as pessoas ali vivem de maneira semelhante e eu me identifiquei, o que me fez ficar”; “na outra semana quando nós voltamos a Camilla ficou muito feliz pois achava que tinha nos assustado. Mas eu não conhecia ninguém, eu só queria conhecer pessoas”; “eu acho que a receptividade do pessoal Rugby. Principalmente no início, importou muito”; “eu gostava do ambiente então acabei ficando” e; “então eu comecei a jogar, mas no início era quase uma obrigação. Porque tínhamos poucas meninas. Fizemos o primeiro amistoso e todas tiveram que ir” e depois completou com o que a incentivou a permanecer “a Camilla disse que eu levava muito jeito e tinha o perfil para jogar, falei que a única coisa que eu fazia era correr, mas que cansava muito rápido por causa do sol.” A análise aponta que os motivos para permanecer eram variados, por terem gostado do esporte e da maneira em que as pessoas viviam de maneira semelhante, a vontade de conhecer pessoas, a receptividade encontrada no Rugby, o gosto pelo ambiente e obrigação de ir por falta de meninas para jogar que foi incentivada pela Camilla a permanecer por levar jeito para a prática.

Elas falaram que o Rugby proporcionava uma inclusão “o Rugby aceita pessoas de qualquer forma, seja ela magra, alta, baixa ou obesa. Não interessa a sua forma física, se você tem disposição, você tem lugar” As outras completaram falando da socialização que a prática também proporcionava “Durante os jogos todo mundo com “sangue nos olhos” e fora de campo o mundo é muito tranquilo. A gente se cumprimenta, ri, chora e é fantástico esse convívio das pessoas que jogam e fazem o esporte. Nunca encontrei isso em nenhum outro que eu fiz” as outras meninas concordaram com essa afirmação. Assim, a análise de acordo com a fala das participantes aponta que o Rugby era visto por elas como o esporte que aceitava qualquer menina sem se importar com a forma física, sendo considerado por elas um esporte inclusivo. O convívio no Rugby era diferente dos outros esportes pela competitividade em campo entre os times e ao acabar o jogo estavam todos juntos sem rivalidade.

Elas falaram que além da inclusão e socialização que o Rugby proporcionava também existiam sentimentos por estarem na prática “com o

tempo eu fui para os campeonatos e gostei bastante. Eu me sinto bem por estar aqui e é por isso que eu estou, não estou aqui para ser uma atleta, ser atleta é o resultado do porque eu estou aqui”; “é muito legal essa questão da amizade no esporte. Os outros esportes que eu fazia eu nunca senti esse sentimento de time, a questão da rivalidade esportiva apenas dentro de campo” e; “eu me sinto bem no Rugby pois as pessoas são legais e essa questão dos jogos, rivalidade dentro de campo e amizade fora dele”. A análise aponta que o Rugby proporcionava um bem estar para elas, uma delas não estava ali para ser atleta, ser atleta era consequência por estar jogando. As outras relataram que a amizade com os outros era um fator que fazia com que se sentissem bem, pois eram rivais na hora do jogo e amigas quando acabava o jogo.

A importância de uma líder relatada por uma delas “a Camilla era muito importante, pois quando os treinos não eram focados para o feminino ela inventava algo para o feminino fazer”. As outras participantes comentaram em como cada uma se preocupava em ajudar a outra “Aqui no Rugby não, era um esporte que eu ia aprender e as pessoas queriam que eu fosse a melhor, mas todas me ajudavam para ser, cada uma ensinava um pouco do que sabia pra que eu crescesse pessoalmente” Outra completou “ajudar a crescer no individual pra você crescer coletivamente” além de se preocupar em ajudar as participantes tinham outro costume de tratamento com as demais “eu faço questão de cumprimentar todas as meninas nos treinos” a maior parte das praticantes afirmaram o mesmo. Os dados da entrevista apontam que a Camilla era uma pessoa importante para o time, pois ajudava em suas necessidades. A atitude de ajudar era presente nas praticantes para que todas pudessem crescer individualmente para que o coletivo estivesse melhor. Elas tinham o costume de ir cumprimentar todas presentes nos treinos.

O compromisso com o Rugby se dava a partir da compra da chuteira. Uma das participantes explicou “a Camilla então disse “você não vai mais sair. Esse é o lema, depois que você compra a chuteira você não sai mais pelo menos até pagar todas as prestações” As outras praticantes concordaram. A análise aponta que havia um comprometimento simbólico com a prática após a compra de uma chuteira.

De acordo com a análise a permanência delas se deu por diversos fatores. Elas gostavam do ambiente que o Rugby proporcionava, do modo o qual as pessoas viviam, vontade de conhecer novas pessoas e a obrigação de ir jogar para não faltar meninas nos jogos. A Inclusão, amizade e rivalidade vivida no Rugby de forma diferente dos outros esportes foram fatores que elencaram importância para as praticantes. A Camilla era importante por incentivar as praticantes a ficarem na prática e por suprir as necessidades de treinamento, quando tinha. As participantes tinham o costume de sempre cumprimentar todas que iam aos treinos e o compromisso com o Rugby se dava a partir do lema da chuteira.

Foi recorrente nas falas das participantes que a amizade era fundamental para a permanência. Da mesma forma, a amizade entre as participantes foi percebida nas observações relatadas no diário de campo. As participantes sempre conversavam nos tempos livres do treino, como antes de iniciar o treino, nos intervalos e ao término dos treinos. A Camilla foi incentivadora para todas as participantes, pois nos treinos sempre estava dando apoio a cada uma e ajudando-as em suas dificuldades. A permanência se deu principalmente pelo vínculo criado entre as participantes e pelos achados como a recepção e inclusão que receberam na prática, o que se fortaleceu nos campeonatos. Nos campeonatos elas vivenciaram a questão da amizade e rivalidade com os outros times, que relataram ter sido diferente nos outros esportes já praticados. As participantes se sentiam bem com essas questões com os outros times. A experiência de terem jogado campeonatos de Rugby incentivaram as participantes a permanecerem no time. Nos treinos elas falavam em como se sentiam realizadas durante o campeonato. A amizade foi determinante para as praticantes permanecerem devido ao ambiente de bem estar relatado por cada uma delas.

3.4.4 Dispersão

A dispersão ocorre quando uma das praticantes deixa o grupo, não necessariamente passando por todas as etapas. Apesar do estudo não analisar as jogadoras após desistirem, as praticantes que permaneceram

deram suas interpretações sobre o que ocorria com as que não conseguiram permanecer na prática.

O Rugby tinha como uma das suas características já relatadas pelas participantes de acolhedor, mas ainda assim algumas meninas não permaneceram como conta uma das participantes “da nossa turma tinha a outra Amanda e a Gabriela mas elas não podiam ir todo dia, nós até chamávamos. Ficamos o semestre todo tentando chamar, mas não vingou” Outra menina completou “as vezes a pessoa vai jogar e se machuca ou acha muito bruto e ela mesmo vai saindo e nota que não se identifica com o esporte”

As participantes falaram que algumas não se encaixavam no grupo e quais eram os motivos que as deixavam de fora “a amiga do ex namorado dela” e “uma menina que entrou no time do Brasília Rugby, mas fazia um curso na UnB” elas explicaram os seguintes motivos para a primeira ter sido deixada de fora do grupo “quando a gente deixa de fora eu acho que é uma opção da pessoa por não se identificar com o grupo. Por exemplo se você viaja com o time para disputar um campeonato e não dorme com ele no alojamento a gente já começa olhar diferente pra pessoa, pois fomos para jogar” outra participante completa “o time vai de ônibus e a pessoa quer ir de carro” a participante concluiu sua fala “como eu estava dando o exemplo daquela menina, ela estava se identificando com o time e falava que nós não parecíamos tão comprometidas, então o pessoal já vai começando a olhar diferente”; “ela colocava muitos defeitos em nós, mas o defeito era ela”; “ela queria ser melhor do que as outras. E é diferente do que a gente pregava e até em outros times quando uma faz algo melhor que a outra ela vai ajudar aquela que não sabe fazer tão bem. As vezes a pessoa tem o perfil de que é melhor e não precisa fazer certas coisas e então nós a excluimos” a outra que não se encaixou as participantes falaram o motivo pelo qual ela foi deixada de fora do grupo “Nós a chamávamos pra treinar com a gente e ela negava. Ela era banco do outro time, mas o outro time sempre ganhava com uma diferença muita alta da gente, ela preferia ser do time que ganhava, mesmo sem jogar. Ela recebia uma outra bolsa pela faculdade dela, então não podia receber a bolsa atleta, quando a bolsa dela acabou e abriu um edital para a nossa bolsa ela começou a vir” De acordo com a análise os

dados apontam que duas meninas não se encaixaram no grupo mas não tiveram muita receptividade das participantes por não se encaixarem no perfil de semelhantes a elas como falaram.

A análise aponta que durante o processo algumas praticantes deixaram o time como foi relatado por elas. Algumas delas não podiam ir em todos os treinos que tinham na semana apesar da insistência do convite das participantes e deixaram o time. Outras duas meninas não se encaixaram no grupo e as participantes as deixaram de fora do grupo por julgarem que elas não se identificarem com a maneira que o grupo vivia. Por não querer estar perto do time nas viagens para campeonatos, por ter julgado o time por falta de comprometimento e falado que era melhor que as participantes ou por interesse, quando a bolsa atleta estava disponível quis entrar para o time.

De acordo com as análises e os dados da observação de campo, as Pioneiras consideravam que as novatas não entravam no grupo quando não faziam “parte do time”. Uma das Pioneiras em um treino definiu que ser parte do time “é fazer questão de estar junto, principalmente nos campeonatos, devemos ficar unidas para mostrarmos que somos um time forte. As adversárias sentem receio quando reparam que o time é extremamente unido e fazem tudo juntas⁹”. Tanto no GF quanto nas observações é nítido que as Pioneiras excluía as novatas que tentassem permanecer na prática caso não tivessem vínculo de amizade ou julgassem as Pioneiras como descomprometidas. As Pioneiras decidiam quem permanecia ou não no time. Quando havia consenso entre as Pioneiras sobre alguma novata, estas se juntavam para excluir a novata, que não conseguia permanecer no grupo por muito tempo.

A análise da entrevista das participantes do GF os dados apontam que elas passaram por alguns fatores para permanecer no grupo. Aceitaram a tentação, conseguiram perseverar para então permanecer no time. Os fatores elencados por elas para a ocorrência desse processo foram aceitar o convite para ir ao treino, apesar do não conhecimento do esporte e das condições de

⁹ Yasmin, treino do dia 23 de outubro de 2015.

treino. Venceram o medo de se machucar, assim como as dificuldades das regras do esporte e o calor enfrentado nos horários dos treinos. A recepção encontrada ao chegar no Rugby e valorização de todas que chegavam agregavam valor de tamanha importância para as participantes. Elas falaram que os motivos para permanecerem na prática eram principalmente o ambiente que o Rugby proporcionava, o modo que as pessoas viviam e a obrigação de ir jogar pela baixa quantidade de meninas, a Camilla tinha importância reconhecida por todas por incentivar e suprir as necessidades do treino quando o time feminino era deixado de lado, o compromisso que se dava através de um lema da chuteira, a inclusão, a amizade e rivalidade que o Rugby proporcionava diferente dos outros esportes. A dispersão ocorreu por não se encaixarem no esporte ou com o modo em que as participantes viviam, quando apresentavam comportamentos não aprovados pelas participantes, como não viajar de ônibus junto com o time, em competições enquanto o time está reunido ficar dispersa, não querer ser do time que perdia mesmo sendo reserva do time que sempre ganhava da UnB, mas quando existiu a possibilidade de ganhar uma bolsa atleta quis jogar com o time, quando isso ocorria eram deixadas de fora do grupo.

4 DISCUSSÃO

Nesse tópico os dados apresentados na pesquisa serão comparados com os trabalhos de Chan-Vianna (2010) “Meninas que jogam bola: Identidades e projetos das praticantes de esportes coletivos de confronto no lazer” e o trabalho do Vaz e Gonçalves (2015) “Resíduos do amadorismo no esporte: a exemplo de uma equipe Rúgbi feminino”.

Chan-Vianna (2010) descreve que a área do CEMS¹⁰ foi demarcada há mais de 30 anos e ao decorrer deste tempo sofreu alterações em sua configuração. Havia professores que ensinavam as modalidades oferecidas pelo CEMS, com basquete, handebol, vôlei e futsal/futebol, onde o seu estudo teve o foco principal, o espaço era aberto para a comunidade. O time feminino da UnB começou a treinar no campo da universidade por ser um espaço livre e próximo aos estudantes da universidade, pois dois de seus

¹⁰ Centro Esportivo Miécimo da Silva

fundadores eram estudantes da UnB e tinham o desejo de participar de campeonatos universitários, mas o time também acolhia a comunidade, pois também participavam de outros tipos de campeonatos. O CEMS e o campo de pesquisa da UnB se diferenciam pelo time da UnB inicialmente não ter um professor formado em educação física para ministrar os treinos e pelo rugby não ser uma prática conhecida. Mas tem em comum as aulas serem abertas para a comunidade.

A aula de futebol no CEMS tinha duração de 60 minutos, no meio da tarde. O encontro entre elas começava, no entanto, duas horas antes e terminava no final da tarde, ou poderia seguir pelo início da noite (CHAN-VIANNA, 2010 p.108). Os treinos da UnB tinham duração de 1 hora e 35 minutos, no horário de almoço. As meninas costumavam chegar às 12 horas e irem embora às 14 horas, pois costumavam ter aula antes ou após o treino (a maior parte do time, por serem estudantes universitárias da UnB). O costume de passar mais tempo no local de prática não são comuns dentre os dois estudos. O tempo de prática caracteriza que no caso das meninas do futebol o interesse era pelo lazer momentâneo enquanto das praticantes de rugby formar um time de competição para o esporte de rendimento.

Vaz e Gonçalves (2015) afirmam que a relação clube é singular, pois se configurava na rotina daqueles que praticavam rugby, como o espaço, por excelência, de convívio, mesmo que ele “não exista” como estrutura física, como ocorre com o Desterro e na maioria dos clubes brasileiros de rugby não possuem sede ou campo para treinar e realizar campeonatos, sendo necessário alugar espaços conforme a necessidade. A realidade do time de Rugby da UnB é diferente desse cenário brasileiro, pois o campo está disponível para os treinos e quando o time organiza campeonatos podem usar o mesmo espaço de treinamento apenas com uma reserva prévia na secretária do Centro Olímpico da UnB.

As Pioneiras lesionadas da UnB continuavam indo aos treinos e nas competições com o time. Vaz e Gonçalves (2015) afirmam que em um jogo que acompanhou do Desterro uma das praticantes que não participava da partida por motivo de lesão acompanhou seu time e no momento do jogo auxiliava o time adversário com relação a posicionamento e movimentação a fim de otimizar o jogo. A ação de lesionadas irem acompanhar o time são

comuns em ambos campos de estudo, quanto a orientação a Camilla fazia isso quando jogava com o BRC nos campeonatos em que a UnB estava presente, por sua experiência dava dicas para o time da UnB para que alcançasse melhor desempenho.

O estudo de Chan-Vianna (2010) encontrou que as praticantes da turma de futebol do CEMS tinham entre 11 e 24 anos. Sendo que a maior parte das novatas estavam dentro da faixa etária de 11 a 17 anos, enquanto que as veteranas estavam em sua maioria entre 18 e 24 anos. De todas as praticantes que passaram pelo campo da UnB tinham entre 19 a 35 anos. Sendo que a maior parte das novatas tinha entre 19 e 27 anos, todas as Pioneiras tinham entre 19 e 27 e as Veteranas tinha a maior parte das suas praticantes na mesma faixa etária que as novatas e as Pioneiras. De acordo com esses dados a prática do rugby no time da UnB começa com pelo menos 19 anos, enquanto que o futebol no CEMS com 11 anos já tem meninas se inserindo na prática.

Durante o período analisado passaram pelo campo da UnB, na tentativa efetiva de jogar, 53 praticantes sendo novatas, Pioneiras ou Veteranas, de diferentes idades, em diferentes meses (a maioria das novatas se inserem na prática no primeiro semestre do ano letivo), variando de 6 a 15 praticantes por treino. Enquanto que no estudo de Chan-Vianna (2010) com as meninas do futebol passaram pela quadra 40 praticantes sendo veteranas ou novatas, em diferentes momentos do semestres (só foi observado o segundo semestre letivo do ano) e de diferentes idades, variando de 11 a 18 praticantes por aula. A média de praticantes por treino/aula era maior nas praticantes do futebol, não houve comparação entre o momento da entrada das novatas por diferentes meses de observação.

Com relação à frequência das praticantes foi possível dividir os grupos em as Pioneiras, novatas e Veteranas que perseveraram e as que se ausentaram. Tendo o número de 6/8 Pioneiras que perseveraram, 11/31 novatas que perseveraram e 4/14 Veteranas que perseveraram. Chan-Vianna (2010) encontrou nessa mesma análise com as meninas do futebol 4/12 veteranas que perseveraram e 9/19 novatas que perseveraram. Logo, a maior parte das praticantes Pioneiras obteve perseverança, enquanto que comparado com as veteranas do futebol menos da metade perseveraram. As

novatas do time da UnB dispersaram mais do que as meninas do futebol. O grupo das Veteranas foi um time que se juntou ao time da UnB.

De acordo com as faixas etárias as Pioneiras que perseveraram (6) na UnB tinham entre 19 e 27 anos e participaram de mais de 50 treinos. As duas que se ausentaram também estavam na mesma faixa etária, deixaram o grupo por problemas de saúde, essas fizeram 40 treinos. As novatas que perseveraram (11) todas estavam na primeira faixa etária de 19 a 27 anos e todas fizeram pelo menos 20 treinos. As novatas que se ausentaram se dividiam em dois grupos. O maior (16) tinham entre 19 e 27 anos, a maior parte (13) fizeram entre 2 e 10 treinos e (3) fizeram mais que 20 treinos. O segundo grupo era composto por quatro novatas, todas da segunda faixa etária (entre 28 e 35 anos) três delas fizeram 3 ou 4 treinos e apenas uma delas fez 30 treinos. O estudo de Chan-Vianna mostrou que as veteranas que perseveraram (4) tinha entre 18 e 24 anos e frequentaram quase todas as aulas no período de observação. As veteranas que se ausentaram (11) tinham entre 18 e 24 anos e uma delas tinha 16 anos, (9) frequentaram apenas duas aulas e as outras frequentaram até seis aulas. As novatas que perseveraram (5) se dividiam em dois tipos. O maior (4) era de praticantes menores de 15 anos, que frequentaram de seis a 10 aulas e tiveram faltas intercaladas a estas presenças e o outro era composto por apenas uma praticante de 24 anos que participou de quase todas as aulas desde a sua inserção. As novatas que se ausentaram (19) tinham entre 14 e 22 anos, (15) participaram de apenas duas aulas e desistiram logo após e (4) fizeram mais que seis aulas. Comparando os dados obtidos no campo UnB e CEMS as Pioneiras permaneceram em número maior que as veteranas. Tanto na UnB como no CEMS as Pioneiras e veteranas que permaneceram ou se ausentaram eram da mesma faixa etária. A quantidade de novatas ausentes dos dois estudos são próximas, sendo que a maior parte das ausentes da UnB tinham entre 19 e 27 anos e quatro delas tinham entre 28 e 35 anos, já as meninas do CEMS todas as novatas que se ausentaram tinham entre 15 e 22 anos, sendo assim a primeira faixa etária tem um número maior de praticantes tentando se inserir na prática, porém há um alto número de desistências.

As praticantes de futebol que permaneceram na turma vestiam-se sempre com pelo menos uma peça de roupa apertada, o que mantinha algumas curvas do corpo à mostra; eram quase todas magras e mantinham os cabelos compridos, boa parte das praticantes eram estudantes universitárias e algumas se consideravam de uma classe social mais elevada (CHAN-VIANNA, 2010). A maioria das Pioneiras se vestiam da mesma forma, duas delas preferiam usar camisas mais folgadas e todas eram estudantes universitárias. Os dados das praticantes de futebol do CEMS e Rugby na UnB são comuns em vestimentas e escolaridade.

Chan-Vianna (2010) descreve a insatisfação das limitações impostas pelos pais das meninas em suas tentativas de jogar futebol, as líderes moravam com seus pais. No rugby, todas as Pioneiras moravam na casa dos seus pais e apenas um dos pais não gostava que a filha praticasse o esporte por medo de que ela se machucasse, os outros não tinham limitações com a relação filha-rugby. Dessa forma o futebol tinha mais resistência com relação a permissão dos pais.

As jogadoras do Desterro tinha capacidade financeira de manter o clube e suas atividades, formação universitária e tempo disponível para a prática do esporte (VAZ; GONÇALVES, 2015). As Pioneiras eram universitárias e tinham apenas o horário do almoço disponível para a prática, umas delas escolheu o Rugby pelo o horário dos treinos e não eram das classes sociais de elite, tendo que estagiar ou depender de bolsa atleta para tentar pagar a mensalidade do clube. Já as meninas do futebol do estudo de Chan-Vianna não tinham obrigações domésticas regulares nem em ajudar na renda familiar, o que favorecia com que passassem quase todo tempo do dia na escola/faculdade ou na rua. Logo, a realidade financeira das Pioneiras era diferente das jogadoras do desterro e das meninas do futebol. Vaz e Gonçalves (2015) complementam que a ênfase no amadorismo é anacrônica, momento de afirmação de setores refratários ao liberalismo e empenhados em manter o esporte restrito a camadas da elite da região. Como já foi falado a realidade do time feminino de Rugby da UnB é diferente, não deixando o esporte elitizado.

Vaz e Gonçalves (2015) afirmam que, o clube forma uma família que simboliza a união e a tradição, a amizade e a camaradagem. De acordo com

as trajetórias, observações de campo e GF a amizade é um fator importante para as Pioneiras, relataram gostar da prática e permanecer pela amizade que começaram a ter com as outras, inclusive melhorando o lado social de cada uma, como meninas tímidas conseguindo aprender a lidar com um time e a coletividade. Dessa forma, o Rugby proporciona essa amizade em diferentes campos.

Chan-Vianna (2010) afirma em seu estudo com as meninas do Porto que a entrada de uma novata acontecia por intermédio de convite feito por uma das jogadoras estabelecidas no time ou pelo treinador. Não havia, necessariamente, um vínculo afetivo estreito entre as pessoas envolvidas nesse convite. Depois de aparecer pela primeira vez no ginásio e conversar com o treinador, a jogadora que havia feito o convite não apresentava nenhuma preocupação especial com o cotidiano da então novata. O time feminino de rugby era formado por novatas Pioneiras, pois foram as primeiras a chegar na prática. A Camilla fundadora do time convidou a Daniela e desse convite ela chamou outra menina do seu semestre e ao ir ao treino essa outra amiga convidava outra para ir também, não foi apresentado nenhuma preocupação especial com o cotidiano da pessoa que havia chamado. Desse modo, a entrada de novatas para ambas as práticas se dava de uma praticante que já estava inserida, no caso do futebol as jogadoras já estavam estabelecidas e no Rugby era logo após seu primeiro treino. Em ambos locais não tinha preocupação especial com a novata convidada.

Os encontros no futebol tornavam-se ponto de entrada e circulação no mundo das entendidas, mas também ponto de diálogo entre o desvio e o universo cotidiano mais amplo em que estavam inseridas. O futebol era, para as meninas, um tempo/espço privilegiado de construção social da realidade e um organizador de projetos individuais e coletivo (CHAN-VIANNA 2010). Para as Pioneiras o ambiente do Rugby era um espaço social privilegiado pois construíram amizades e um ciclo social diferente. Dessa forma, ambos os espaços de estudo proporcionavam para as praticantes uma construção social privilegiada.

No estudo de Chan-Vianna (2010) o CEMS era um ponto de encontro para as meninas do círculo das líderes, as aulas eram tensas e somente as líderes riam ou faziam comentários sobre jogadas. O treino de rugby era o

lugar comum de encontro das Pioneiras, mas pela maior parte fazer educação física se encontraram em algumas aulas ou pela faculdade e elas sempre conversavam durante os treinos. Desse modo os campos estudados era comum ser um ponto de encontro para as praticantes e ambos os grupos tinham liberdade para conversar durante os treinos/aulas.

Chan-Vianna (2010) afirma que externamente ao ambiente das aulas, o círculo das líderes ia se constituindo em um grupo de sociabilidade importante na vida de cada uma delas. A questão da amizade e sociabilidade foi algo importante para as Pioneiras, pois a partir dessa amizade o grupo se firmou e permaneceu.

As meninas do CEMS do estudo de Chan-Vianna (2010) apresentavam três regras implícitas que definiam como alguém poderia permanecer jogando: I) haveria de ter competência esportiva mínima para fazer o jogo fluir; II) não poderia recriminar ou excluir explicitamente as que não atendiam a regra; e III) não poderia apropriar-se de mais-valia do desempenho individual para subjugar as líderes ou se autopromover. Com a Pioneiras do Rugby a permanência ocorreu de forma diferente. Se inseriram na prática e gostaram do esporte e do ciclo social que encontraram, falaram ser diferente dos outros esportes que conheciam e criaram vínculos de amizade que se tornaram determinantes para a permanência. Como todas entraram quase no mesmo período e ninguém sabia jogar Rugby, aprenderam juntas como jogar. As Pioneiras informaram que se preocupavam em ajudar umas às outras quando tinham dificuldade em algum fundamento da modalidade, estavam aprendendo mas ao mesmo tempo ensinando para aquelas que possuíam menor desempenho. Ser parte do time como definido por uma Pioneira era uma questão importante para a permanência, assim como não se autopromover, pois o grupo excluía as praticantes que fizessem essa prática, dispersando assim o grupo.

No CEMS acontecia uma proteção das “novinhas¹¹” e duas ações eram fundamentais para essa proteção: I) Excluir quem desvirtuasse publicamente a imagem que elas pretendiam manter - vinculada à feminilidade tradicional das camadas médias da região - para minimizar os

¹¹ Novinhas com relação a idade.

efeitos do estigma imputado as praticantes de futebol; e II) garantir desempenho atlético mínimo, para manter uma condição ótima de satisfação e fruição no jogo para elas. Na UnB não havia essa proteção das novatas, as que chegavam e se encaixavam com o modo de vida das Pioneiras permaneciam.

Vaz e Gonçalves (2015) afirmam que, existe um constante cuidado com as novatas, já que as veteranas estão sempre atentas para que as recém-chegadas sejam bem tratadas, se integrem ao grupo, aprendam o jogo. As jogadoras mais experientes são uma espécie de tutoras das mais novas devendo passar os ensinamentos, valores e tradições do esporte, mantendo o gosto pelo rúgbi vivo. Na UnB as Pioneiras tinham esse mesmo cuidado com as novatas pois queriam mais jogadoras, ao iniciar o time haviam poucas praticantes. Sendo assim, eram tutoras para as novatas pois queriam mais jogadoras, mas a prática é comum em outros times de Rugby.

No Rugby o coletivo é muito valorizado, o que pode significar a necessidade de sacrificar-se em nome do grupo (VAZ; GONÇALVES, 2015). Na UnB essa coletividade foi motivo para a permanência das Pioneiras, relataram se sentirem bem com o ambiente coletivo que o esporte proporcionava.

Em síntese, os dois trabalhos analisados apresentam convergências e divergências com os dados do presente estudo. Essa comparação é importante para testar entre todos quais fatores proporcionaram que as Pioneiras permanecessem jogando no contexto particular em que estão inseridas.

Observa-se que as meninas do futebol do CEMS e o time feminino da UnB tem em comum um lugar fixo para treinar, enquanto que as jogadoras do Desterro tinham que alugar locais eventualmente para a prática. Na UnB inicialmente não havia treinador diferente do CEMS, tinha um professor formado em educação física para ministrar as aulas. A idade das meninas do futebol variava entre 11 e 24 anos e o time feminino da UnB tinha de 19 a 35 anos, sendo assim a prática do futebol é iniciada quando ainda criança e a prática do Rugby no campo da UnB tem um início mais tardio. No futebol as meninas costumavam manter uma média maior de praticantes do que na UnB, apesar do número de praticantes que permaneceram na UnB ter sido

maior que as que permaneceram no CEMS, os treinos da UnB não tinha a mesma quantidade de praticantes presentes por treino/aula. Na UnB e no CEMS o número de novatas que tentavam se inserir e permanecer na pratica era semelhantes mas a quantidade de novatas ausentes dos dois estudos são próximas, sendo que a maior parte das ausentes da UnB tinham entre 19 e 27 anos e quatro delas tinham entre 28 e 35 anos, já as meninas do CEMS todas as novatas que se ausentaram tinham entre 15 e 22 anos, sendo assim a primeira faixa etária tem um número maior de praticantes tentando se inserir na prática, porém há um alto números de desistências.

As Pioneiras e veteranas que permaneceram costumavam usar pelo menos uma peça de roupa apertada, para manter a mostra algumas curvas do corpo. O futebol tinha maior resistência com relação a permissão dos pais, no Rugby apenas o pai da Daniela não gostava que a filha praticasse o esporte. A realidade das classes sociais dos três campos divergia da UnB, no Desterro e no futebol eram classes elites enquanto que a UnB tinha jogadoras de camadas médias da região. Na UnB e no Desterro a prática de lesionadas continuarem comparecendo aos eventos do time era comum, podendo ser considerada uma prática realizada nos diferentes campos de Rugby, enquanto que as meninas do CEMS não tinham esse costume. O Rugby em ambos campos proporcionam amizade, união e camaradagem. As Pioneiras da UnB e as meninas do Porto tinham a entrada no time de forma semelhante, onde era convidada por alguém que já estava inserida na prática e não mantinham nenhum tratamento especial com essas convidadas. Na UnB assim como no CEMS o ambiente proporcionava para as praticantes construção social privilegiada, além de ser um local de encontro onde podiam conversar, porém o time da UnB tinha como objetivo formar um time de competição para o esporte de rendimento e as meninas do futebol tinham aquele espaço como local de lazer momentâneo. O Desterro tinha cuidado com suas novatas para elas fossem bem tratadas e se integrassem ao grupo, o time da UnB também possuía um acolhimento as novatas, mas a partir do momento que elas começassem a se autopromover ou subjugar as Pioneiras eram excluídas, assim como acontecia com as novatas no futebol. Dessa forma, os três campos possuíam particularidades, algumas dessas semelhantes ao time da UnB e outras completamente divergentes, sendo

assim no próximo tópico farei considerações finais sobre o time feminino de Rugby da UnB.

Vaz e Gonçalves (2015) apontam que as jogadoras do Desterro se dedicavam por “puro prazer e paixão”, travestido na ideia de manter o espírito do rugby intacto. Enquanto isso, o estudo de Chan-Vianna (2010) apontou que o futebol para as meninas era um tempo/espaço privilegiado de construção social das identidades divergentes da norma de feminilidade e um organizador de projetos individuais e coletivos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira consideração é direcionada ao objetivo proposto nesta pesquisa, que versa sobre a compreensão dos fatores que mobilizam as jogadoras iniciantes de Rugby para tentar e permanecer jogando. Deste objetivo é nítido que as relações socioafetivas desenvolvidas e suas derivações, no dia-a-dia do esporte, são fundamentais à permanência das praticantes.

Através dos dados obtidos e analisados podemos perceber que o campo da UnB era um ambiente agradável para as praticantes. Pois encontraram um ambiente em que se sentiam acolhidas, apesar dos treinamentos intensos, alta temperatura e pouco conhecimento sobre o esporte. A frequência das praticantes flutuava. 53 mulheres tentaram se inserir na prática, mas somente 21 permaneceram. Dessa forma, é recorrente que a partir do vigésimo treino as praticantes em sua maioria se firmavam no Rugby. A análise das trajetórias das Pioneiras mostram que todas eram estudantes universitárias, de camadas médias da região que precisavam priorizar esforços e recursos para jogar. Além disso, tinham vivências esportivas anteriores ao Rugby.

As praticantes passaram pelo “ritual de permanência” bem marcado por Chan-Vianna (2010). Diante disso, a amizade constituiu valor fundamental para as praticantes tentarem e permanecerem jogando. O ambiente social que o Rugby proporcionava para as praticantes era agradável fazendo com que se sentissem confortáveis. As Pioneiras encontraram inclusão e coletividade no Rugby que não tinham tido em outros esportes já praticados.

As viagens feitas para diferentes estados do Brasil para jogar fortaleceu os aspectos de amizade, inclusão e coletividade.

Apesar desse ambiente acolhedor, a dispersão ocorria por diversos fatores. Entre eles, o determinante era que as Pioneiras decidiam quem permanecia na prática. As novatas precisavam ser parte do time, não podiam subjugar as Pioneiras, não podiam se autopromover e as novatas deveriam ter o estilo de vida similar com o grupo. Caso não, as Pioneiras excluíaam essas novatas. As Pioneiras reservaram o espaço para si, tratando de garantir um processo seletivo para as novatas, semelhante ao apontado por Chan-Vianna (2010) com as veteranas do futebol.

Vaz e Gonçalves (2015) afirmam que as jogadoras do Desterro se dedicavam ao Rugby permanecendo por “puro prazer e paixão”. Chan-Vianna (2010) concluiu que o futebol era o espaço de sociabilidade onde as meninas tinham identidades comuns e isso motivava para que elas mantivessem o desejo de jogar juntas. Dentre as reflexões produzidas e diante dos questionamentos durante a elaboração desta pesquisa, é entendido que os fatores que mobilizam as jogadoras de Rugby para tentar e permanecer jogando são primeiramente os históricos de esporte anterior ao Rugby. Tendo uma educação esportiva em outras práticas, encontraram um lugar dentro da organização do cotidiano universitário pelo horário do treino. Elas venceram o medo e as restrições de um novo esporte de contato físico intenso. Elas encontram um ambiente acolhedor que provocou o interesse em ficar. As viagens, a amizade firmada nos campeonatos e levada para além do ambiente do Rugby. Assim se aproximou mais dos resultados apresentados por Chan-Vianna (2010) do que Vaz e Gonçalves.

Futuras pesquisas podem ser realizadas para adentrar mais no universo dos significados que levam praticantes a escolherem e permanecerem em práticas esportivas distintas. Como por exemplo, os significados que veteranas do Rugby narram, questões socioafetivas entre as mulheres que praticam Rugby e como o Rugby pode contribuir para as aulas de educação física. Dessa forma os estudos sobre o significado do esporte é promissor para o avanço da educação física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAN-VIANNA, A. J. **Meninas que Jogam Bola: Identidades e projetos das participantes de esportes coletivos de confronto no lazer.** 2010. 244 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro. 2010.

CHARMAZ, K. **A construção da Teoria Fundamentada.** Editora Artmed. Porto Alegre RS. 2006.

DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. *In:* DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa. DIFEL, 1992. p. 389-411

VAZ, A. F.; GONÇALVES, M. C. **Resíduos do amadorismo no esporte: a exemplo de uma equipe de Rúgbi feminino.** Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 591-601, jul./set. de 2015.

VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedades contemporânea.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 198

VELHO, G. Trajetória Individual e Campo de Possibilidades. *In:* **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 31-48.

VOTRE, S. et al. **Pesquisa em Educação Física.** Vitória, ES, 1993